

MARILIA
D E
D I R C E O.
P O R T. A. G.

P R I M E I R A P A R T E .

Nova edição.



RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.

Com Licença de S. A. R.

1810.



MARILIA

DE

DIRCEO.



LYRA I.

Eu, Marilia, não sou algum vaqueiro,
 Que viva de guardar alheio gado,
 De tosco trato, de expressões grosseiro,
 Dos frios gelos, e dos sóes queimado.
 Tenho proprio casal, e nelle assisto;
 Dá-me vinho, legume, fruta, azeite,
 Das brancas ovelhinas tiro o leite,
 E mais as finas lãs, de que me visto.

Graças, Marilia bella,
 Graças á minha Estrella!

Eu vi o meu semblante n'uma fonte,
 Dos annos inda não está cortado :
 Os Pastores , que habitão este monte ,
 Respeitão o poder do meu cajado.
 Com tal destreza toco a sanfoninha ,
 Que inveja até me tem o proprio Alceste :
 Ao som della concerto a voz celeste ;
 Nem canto letra que não seja minha.
 Graças , Marilia bella ,
 Graças á minha Estrella !

Mas tenho tantos dotes da ventura ,
 Só aprêço lhes dou, gentil Pastora ,
 Depois que o teu affecto me segura ,
 Que queres do que tenho ser Senhora.
 He bom , minha Marilia , he bom ser dono
 De num rebanho, que cubra monte, e prado ;
 Porém , gentil Pastora , o teu agrado
 Vale mais que hũ rebanho, e mais que hũ throno.
 Graças , Marilia bella ,
 Graças á minha Estrella !

Os teus olhos espalhão luz divina,
 A quem a luz do Sol em vão se atreve:
 Papoila, ou rosa delicada, e fina,
 Te cobre as faces, que são côr da neve.
 Os teus cabellos são huns fios d'ouro;
 Teu lindo corpo balsamos vaporã.
 Ah! não, não fez o Ceo, gentil Pastora,
 Para gloria de Amor, igual Thesourõ.
 Graças, Marilia bella,
 Graças á ninha Estrella!

Leve-me a sementeira muito embora
 O rio sobre os campos levantado:
 Acabe, acabe a peste matadora,
 Sem deixar huma rez, o nedio gado.
 Já destes bens, Marilia, não preciso:
 Nem me cêga a paixão, que o mundo arrasta,
 Para viver feliz, Marilia, basta
 Que os olhos movas, e me dês hum riso.
 Graças, Marilia bella,
 Graças á minha Estrella!

Hirás a divertir-te na floresta,
 Sustentada, Marilia, no meu braço;
 Aqui descançarei a quente séta,
 Dormindo hum leve somno em teu regaço;
 Em quanto a luta jogaõ os Pastores,
 E emparelhados correm nas campinas,
 Toucarei teus cabellos de boninas,
 Nos troncos gravarei os teus louvores.
 Graças, Marilia bella,
 Graças á minha Estrella!

Depois que nos ferir a mão da sorte
 Ou seja neste monte, ou n'outra serra,
 Nossos corpos teraõ, teraõ a sorte
 De consumir os dous a mesma terra.
 Na campa, rodeada de cyprestes,
 Lerãõ estas palavras os Pastores:
 ,, Quem quizer ser feliz nos seus amores,
 ,, Siga os exemplos, que nos derãõ estes ,,
 Graças, Marilia bella,
 Graças á minha Estrella!



LYRA II.

PINTÃO, Marília, os Poetas
 A hum menino vendado
 Com humia cinta de settas,
 Arco empunhado na mão:
 Ligeiras azas nos hombros,
 C tenro corpo despido;
 E de Amor, ou de Cupido
 São os nomes que lhe dão.

Porém eu, Marília, nego,
 Que affim seja Amor; pois elle
 Nem he moço, nem he cégo,
 Nem settas, nem azas tem.
 Ora pois, eu vou formar-lhe
 Hum retrato mais perfeito,
 Que elle já ferio meu peito;
 Por isso o conheço bem.

Os seus compridos cabellos ,
Que sobre as costas ondeaõ ,
São que os de Apollo mais bellos ;
Mas de loura cõr não são.
Tem a cõr da negra noite ;
E com o branco do rosto
Fazem , Marilia , hum composto
Da mais formosa uniaõ.

Tem redonda , e liza testa :
Arqueadas sobranceilhas ;
A voz meiga , a vista honesta ,
E seus olhos são huns sóes.
Aqui vence Amor ao Ceo ,
Que no dia luminoso
O Ceo tem hum Sol formoso ,
E o travesso Amor tem dous.

Na sua face mimosa ,
Marilia , estão misturadas
Purpureas fo has de rosa ,
Branças folhas de jasmim.
Dos rubins mais preciosos
Os seus beiços são formados ;
Os seus dentes delicados
São pedaços de marfim.

Mal vi o rosto perfeito
Dei logo um suspiro , e elle
Conheceu aver-me feito
Estrago no coração.
Punha em mim os olhos , quando
Entendia eu não olhava :
Vendo que o via , baixava
A modesta vista ao chão.

Chamei-lhe hum dia formoso ;
Elle ouvindo os seus louvores
Com hum modo desdenhoso ,
Se surrio , e não fallou.
Pintei-lhe outra vez o estado ,
Em que estava esta alma posta ;
Não me deo tambem resposta ,
Constrangeo-se , e suspirou.

Conheço os signaes , e logo
Animado da esperança ,
Busco dar hum desaffogo
Ao cansado coração.
Pego em seus dedos nevados ,
E querendo dar-lhe hum beijo ,
Cubrio se todo de pejo ,
E fugio-me com a mão.

Tu, Marilia, agora vendo
 De Amor o lindo retrato,
 Comtigo estarás dizendo,
 Que he este o retrato teu.
 Sim, Marilia, a copia he tua,
 Que Cupido he Deos suposto:
 Se ha Cupido he só teu rosto,
 Que elle foi quem me venceo.



LYRA III.

DE amar, minha Marilia, a formosura
 Não se podem livrar humanos peitos.
 Adorão os Heróes, e os mesmos brutos
 Aos grilhões de Cupido estão sujeitos.
 Quem, Marilia, despreza huma belleza,
 A luz da razão precisa,
 E se tem discurso, pisa
 A Lei, que lhe ditou a Natureza.

Cupido entrou no Ceo. O grande Jove
Huma vez se mudou em chuva de ouro;
Outras vezes tomou as varias fórmãs
De General de Thebas, velha, e touro.
O proprio Deos da Guerra deshumano
Não viveo de amor illeso;
Quiz a Venus, e foi prezo
Na rede, que lhe armou o Deos Vulcano

Se amar huma belleza se desculpa
Em quem ao proprio Ceo, e terra move;
Qual he a minha gloria, pois ingrato,
Ou excedo no amor ao mesmo Jove?
Amou o Pai dos Deoses Soberano
Hum semblante peregrino:
Eu adoro o teu divino,
O teu divino rosto, e sou humano.



LYRA IV

MARILIA, teus olhos
Sã réos, e culpados,
Que soffra, e que beije
Os ferros pezados
De injusto Senhor.

Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Mal vi o teu rosto,
O sangue gelou-se,
A lingua prendeo-se,
Tremi, e mudou-se
Das faces a côr.

Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

A vista furtiva,
O riso imperfeito,
Fizerão a chaga,
Que abriste no peito
Mais funda, e maior.

Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Dispuz-me a servir-te;
Levava o teu gado
A' fonte mais clara,
A' vargem, e prado
De relva melhor.

Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Se vinha da herdade,
Trazia nos ninhos
As aves nascidas,
Abrindo os biquinhos
De fome ou temor.

Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Se alguém te louvava .
 De gosto me enchia ;
 Mas sempre o ciúme
 No rosto accendia
 Hum vivo calor.

Marilia , escuta
 Hum triste Pastor.

Se estavas alegre ,
 Dinha-se alegrava ;
 Se estavas sentida ,
 Dirceo suspirava
 A' força da dor.

Marilia , escuta
 Hum triste pastor.

Fallando com Laura ,
 Marilia dizia ;
 Surria-se aquella ,
 E eu conhecia
 O erro de amor.

Marilia , escuta
 Hum triste Pastor.

Movi-da, Marilia,
De tan a ternura,
Nos braços me déste,
Da tua fé Pura
Em doce penhor.
Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Tu mesma disseste
Que tudo podia
Mudar de figura;
Mas nunca seria
Teu peito traidor.
Marilia, escuta
Hum triste Pastor.

Tu já te mudaste;
Era Olaia frondoza,
Aonde escreveste
A jura horrorosa,
Tem todo o vigor.
Marilia, escuta
Hum triste Prstor.

Mas eu te desculpo,
 Que o fado tyranno
 Te obriga a deixar-me;
 Pois busca o meu damno
 Da sorte, que for.

Marilia, escuta
 Hum triste Pastor.



LYRA V.

A CASO são estes
 Os sitios formosos,
 Aonde passava
 Os annos gostosos?
 São estes os prados,
 Aonde brincava,
 Em quanto pastava
 O manso rebanho,
 Que Alceo me deixou?

São estes os sitios?
São estes ; mas eu
O mesmo não sou.
Marilia , tu chamas ?
Espera que eu vou.

Daquelle penhasco
Hum rio cahia ,
Ao som do sussurro
Que vezes dormia !
Agora não cobrem
Espumas nevadas
As pedras quebradas :
Parece que o rio
O curso voltou.

São estes os sitios ?
São estes ; mas eu
O mesmo não sou.
Marilia , tu chamas ?
Espera que eu vou.

Meus versos alegre

Aqui repetia:

O Eco as palavras

Tres vezes dizia.

Se chamo por elle

Já não me responde;

Parece se esconde,

Cansado de dar-me

Os ais que lhe dou.

São estes os sitios?

São estes; mas eu

O mesmo não sou.

Marilia, tu chamas?

Espera que eu vou.

Aqui hum regato

Corria sereno,

Por margens cobertas

De flores, e feno:

A' esquerda se erguia

Hum bosque fechado;

E o tempo apressado,

Que nada respeita,

Já tudo mudou.

São estes os sitios ?
São estes ; mas eu
O mesmo não sou.
Marilia , tu chamas ?
Espera que eu vou.

Mas como discorro ?
Acaso podia
Já tudo mudar-se
No espaço de hum dia ?
Existem as fontes ,
E os freixos copados ;
Dão flores os prados ,
E corre a cascata ,
Que nunca seccou .
São estes os sitios ?
São estes ; mas eu
O mesmo não sou.
Marilia , tu chamas ?
Espera que eu vou.

Minha alma , que tinha
Liberta a vontade ,
Agora já sente
Amor , e saudade.
Os sitios formosos ,
Que já me agradarão ,
Ah ! não se mudarão !
Mudarão-se os olhos ,
De triste que estou.

São estes os sitios ?

São estes ; mas eu

O mesmo não sou.

Marilia , tu chamos ?

Espera que eu vou.



L Y R A VI.

Uh! quanto pôde em nós a varia Estrella
 Que diversos que são os genios nossos!
 Qual solta a branca vélla,
 E affronta sobre o pinho os mares grossos
 Qual cinge com a malha o peito duro;
 E marchando na frente das cohortes,
 Faz a torre voar, cahir o muro.

O sordido avarento em vão ~~traballa~~ *desfende*,
 Que possa o filho entrar no seu Thesouro.
 Aqui fechado estende
 Sobre a taboa, que verga, as barras de ouro.
 Sacode o jogado: do copo es dados;
 E n'uma noite só, que ao somno rouba,
 Perde o resto dos bens do pai herdados.

O que da voráz gulla o vicio adora
Da lauta meza os prazeres fia.

E o terno Alceste chora
Ao som dos versos a que o genio o guia.
O sabio Gallileo toma o compasso,
E sem voar ao Ceo, calcula, e mede
Das Estrellas, e Sol o immenso espaço.

Enquanto pois, Marilia, a Maria gente;
Se deixa conduzir do proprio gosto;

Passo as horas contente
Notando as graças do teu lindo rosto.
Sem pensar-me a saber se o Sol se móve,
Ou se a terra voltea, assim conheço
Aonde chega a mão do grande Jove.

Noto, gentil Marilia, os tens cabellos;
E noto as faces de Jasmias, e rosas:

Logo os teus olhos beijos,
Os brancos dentes, e as feições mimosas.
Quem fez huma obra tão perfeita, e linda,
Minha bella Marilia, tambem pôde
Fazer os Ceos, e mais, se ha mais ainda.



L Y R A VII.

Vou retratar a Marilia,
 A Marilia meus amores;
 Porém como, se eu não vejo
 Quem me empreste as finas cores!
 Dar-mas a terra não póde;
 Não, que a sua côr mimosa
 Vence o lyrio, vence a rosa:
 O jásmin, e as outras flores.
 Ah socorre, Amor, socorre
 Ao mais grato empenho meu!
 Vôa sobre os Astros, vôa,
 Traze-me as tintas do Ceo.

Mas

Mas não se esmoreça logo ;
Busquemos hum pouco mais ;
Nos mares talvez se encontrem
Cores que sejam iguaes.
Porém não , que em paralelo
Da minh Ninfa adorada
Perolas não valem nada ,
Não valem nada os coraes.

Ah soccorre , Amor , soccorre
Ao mais grato empenho meu !
Vôa sobre os Astros , vôa ,
Traz-me as tintas do Ceo.

Só no Ceo achar se podem
Taes bellezas , como aquellas ,
Que Marilia tem nos olhos ,
E que tem nas faces bellas.
Mas ás faces graciosas ,
Aos negros olhos , que matão ,
Não imitão não retratão
Nem Auroras , nem Estrellas.

Ah soccorre , Amor , soccorre
 Ao mais grato empenho meu !
 Vôa sobre os Astros , vôa ,
 Traze-me as tintas do Ceo.

Entremo , Amor , entremos ,
 Entremos na mesma Esfera.
 Venha Pallas Venha Juno ,
 Venha a Deosa de Cithera.
 Porém não , que se Marilia
 No certame antigo entrasse ,
 Bem que a Paris não peitasse ,
 A todas as tres vencera.

Vai-te , Amor , em vão soccorres
 Ao mais grato empenho meu :
 Para formar-lhe o retrato
 Não bastão tintas do Ceo.

L Y R A VIII.

MARILIA, de que te queixas?
De que te roube Dirceo
O sincero coração?
Não te deu tambem o seu?
E tu, Marilia, primeiro
Não lhe lançaste o grilhão?
 Todos amão: só Marilia
 Desta Lei da Natureza
 Queria ter izenção?

Em torno das castas pombas
Não rulão ternos pombinhos
E rulão, Marilia, em vão?
Não se afagão c'os biquinhos?
E a provas de mais ternura
N' os arrasta a paixão?
 Todos amão: só Marilia
 Desta Lei da Natureza
 Queria ter izenção?

Já viste , minha Marilia ,
Avezinhas , que não fação
Os seus ninhos no verão ?
Aquellas com quem se enlaço
Não vão cantar-lhe defronte
Do molle pouzo em que estão ?

Todos amão : só Marilia
Desta Lei da Natureza
Queria ter izeção ?

Se os peixes , Marilia , gerão
Nos bravos mares , e rios ,
Tudo effeitos de Amor são.

Amão os brutos impios ,
A serpente venenosa ,
A Onça , o Tigre , o Leão.

Todos amão : só Marilia
Desta Lei da Natureza
Queria ter izeção ?

As grandes Deosas do Ceo ,
Sentem a setta tyrana
Da amorosa inclinação.
Diana , com ser Diana ,
Não se abrasa , não suspira
Pelo amor de Endymião ?
Todos amão : só Marilia
Desta Lei da Natureza
Queria ter izenção

Desiste , Marilia bella ,
De huma queixa sustentada
Só na altiva opinião.
Esta chamma he inspirada
Pelo Ceo ; pois nella assenta
A nossa conservação,
Todos amão : só Marilia
Desta Lei da Natureza
Não deve ter izenção.

L Y R A IX,

E u sou , gentil Marília , eu sou **captivo** ,
 Porem não me venceo a mão armada
 De ferro , e de furor :
 Huma alma sobrestodas elevada
 Não cede a outra força que não seja .
 A' tenra mão de Amor .

Arrastem pois os outros muito embora
 Cadêas nas bigornas trabalhadas
 Com pezados martellos :
 Eu tenho as minhas mãos ao carro atadas
 Com duros ferros não , com fios d'ouro ,
 Que são os teus cabellos .



L Y R A X.

SE existe hum peito,
 Que izento viva
 Da chamma activa,
 Que accende Amor.
 Ah! não habite
 Neste montado;
 Fuja apressado
 Do vil traidor.

Corra, que o Impio
 Aqui se esconde:
 Não sei aonde;
 Mas sei o que vi.
 Traz novas settas,
 Arco e busto;
 Tremi-me de susto;
 Em vão fugi.

Eu vou mostrar-vos,
Tristes mortaes,
Quantos signaes
O Impio tem.

Oh! como he justo;
Que todo o humano
Hum tal tyranno
Conheça bem!

No corpo ainda
Menino existe:
Mas quem refiste
Ao braço seu?

Ao negro Inferno
Levou a guerra:
Vencêo a terra,
Vencêo o Ceo.

Jámais se cobrem
Seus membros bellos ;
E os seus cabellos
Que lindos são !
Vendados olhos ,
Que tudo alcanção ,
E já mais lançaõ
A setta em vão .

As suas faces
São cor de neve ;
E a bocca breve
Só r'izos tem .
Mas , ah ! respira
Negros venenos ,
Que nem ao menos
Os olhos vem .

Aljava grande
Dependurada,
Sempre atacada
De bons farpões.

Fere com estas
Agudas lanças,
Pombinhas mansas,
Bravos leões.

Se a setta falla
Tem outra prompta,
Que a durá ponta
Já mais torcêo.

Niguem resiste
Aos golpes della:
Marilia bella
Foi quem lha dêo.

Ah!

Ah ! não sustente
 Dura peleija ,
 O que deseja
 Ser vencedor.

Fuja , e não olhe ,
 Que só fugindo
 De hum rosto lindo ,
 Se vence Amor.



L Y R A X I.

N ão toques ,minha Musa , não , não toques
 Na sonora Lyra ,
 Que ás almas , como a minha , namoradas
 Doces Canções inspira :
 Assopra no clarim , que apenas sôa
 Enche de assombro a terra ;
 Naquelle , a cujo som cantou Homero ,
 Cantou Virgilio a Guerra.

Busquemos, ó Marília,
Empreza maior;
Deixemos as ternas
Fadigas de Amor.

Eu já não vejo as graças, de que fórma
Cupido o seu thezouro:
Vivos olhos, e faces côr da neve,
Com crespos fios de ouro;
Meus olhos só vem graminhas, e loureiros;
Vem carvalhos, e palmas
Vem os ramos honrosos, que distinguem
As vencedoras almas.

Busquemos, ó Musa,
Empreza maior;
Deixemos as ternas
Fadigas de Amor.

Cantemos o Heróe , que já no be
As Serpes despedaça ;
Que fere os Cácos , que destronca a
Mais os lêões que abraça.
Cantemos , se isto he pouco , a dura
Dos Titões , e Tyféos ,
Que arrancão as montanhas , e atrev
Levão armas aos Ceos.

Busquemos , ó Musa ,
Empresa maior ;
Deixemos as ternas
Fadigas de amor.

Anima pois , ó Musa , o instrume
Que a voz tambem levanto :
Porém tu déste muito acima o ponto
Dirceo não póde tanto :
Abaixa , minha Musa , o tom , que
Eu já , eu já te sigo.
Mas , ah ! vou a dizer *Heróe* , e *Gue*
E só *Marilia* digo.

Deixemos ó Musa ,
Empreza maior ,
Só posso seguir-te
Cantando de Amor.

Feres as cordas d'ouro ? Ah ! sim , agora
Meu canto ja se afina ;
E a humana voz , parece que ao som della
Se faz tambem divina.
O mesmo que cercou de muro a Thebas
Não canta assim tão terno ;
Nem póde competir comigo aquelle ,
Que desce ao negro Inferno.

Deixemos , ó Musa ,
Empreza maior ,
Só posso seguir-te
Cantando de Amor.

Mal repito *Marilia*, as doces aves
Mostrão signaes de espanto,
Erguem os collos, voltão as cabeças,
Parão o ledô canto;
Move-se o tronco, o vento se suspende,
Pasma o gado, e não come:
Quanto podem meus versos! Quanto póde
Sò de *Marilia* o nome!

Deixemos, ó Musa,
Empreza maior;
Cò posso seguir-te
Cantando de Amor.



† L Y R A XII.

TOPEI hum dia
 Ao Deos vendado,
 Que descuidado
 Não tinha as settas
 Na impia mão.
 Mal o conheço
 Me sóbe logo
 Ao rosto o fogo,
 Que a raiva accende
 No coração.

Morre, tyrano,
Morre inimigo!
 Mal isto digo,
 Raivoso o aperto
 Nos braços meus.
 Tanto que o moço
 Sente apertar-se,
 Para salvar-se
 Tambem me aperta
 Nos braços seus.

O leve corpo
Ao ar levanto ;
Ah ! e com quanto
Impulso o trago
Do ar ao chão !
Poude suster-se
A vez primeira ;
Mas á terceira
Nos pés , que alarga ,
Se firma em vão.

Mal o derrubo ,
Ferre aguçado
No já cançado
Peito , que arqueja ;
Mil golpes dêo.
Suou seu corpo ;
Tremêo gemendo ;
E a côr perdendo ,
Batêo as azas ;
fim morreo.

Qual bravo Alcides ,
Que a hirsuta pelle
Vestio daquelle
Grenhoso bruto ,
A quem matou.

Para que pr'ove
A empreza honrada ,
C'o a mão manchada ,
Recolho as settas ,
Que me deixou.

Ouvio Marília
Que Amor gritava .
E como estava
Vizinha ao sitio
Valer-lhe vem.

Mas quando chega
Espavorida ,
Nem já de vida
O féro monstro
Indicio tem.

DE DIRCEO.

Então Marília ,
Que o vê de perto
De pó cuberto ,
E todo involto
No sangue seu ;
 As mãos aperta .
No peito brando ,
E afflicta dando
Hum ai , os olhos
Levanta ao Ceo.

Chega-se a elle
Compadecida ;
Lava a ferida
C'o pranto amargo ,
Que derramou.
 Então o monstro
Dando hum suspiro ,
Fazendo hum gyro
C'o a baça vista ,
 suscitou.

Respira a Deosa ;
 E vem o gosto
 Fazer no rosto
 O mesmo effeito ,
 Que fez a dôr.

Que louca idéa
 Foi a que tive !
 Em quanto vive,
 Marilia bella ,
 Não morre Amor.



T L Y R A XIII.

OH ! quantos riscos,
 Marilia bella,
 Não atropella
 Quem cégo arrasta
 Grillhões de Amor !

Hum peito forte,
 De acordo falto,
 Zomba do assalto
 Do vil traidor.

O amante de Hero
Da luz guado,
C'o peito ousado,
Na escura noite
Resolva o mar.

Se o Helesponto
Se encapelava,
Ah! não deixava
De lhe ir fallar.

Do cantor Thracio
A heroicidade;
Esta verdade,
Minha Marilia,
Próva tambem.
Cheio de esforço
Vai ao Cocito,
Buscar afflito
Seu doce bem.

Que acção tão grande
Nunca intentada !
Ao pé da entrada
Já tudo assusta
O coração !

 Pendentes rochas,
Campos adustos,
Que nem arbustos,
Nem hervas dão.

Na funda fralda
De calvo monte,
Corre Acheronte,
Rio de ardente
Mortal licor.

 Tem o barqueiro
Testa enrugada,
Vista iuflammada,
Que mette horror.

Que seguranças!
Que fechaduras!
As portas duras
Não são de lenhos;
De ferro são.

Por tres gargantas,
Quando alguém bate,
Raivoso late
O negro cão.

Dentro da cova
São lamentos;
E que tormentos
Não mostra aos olhos
A escassa luz!

Menos a pena
Manda se intime
Igual ao crime,
Que alli conduz.

Grande penedo
Este carrega ;
E apenas chega
Do monte ao cume ,
O faz rolar.

A pedra sempre
Ao valle desce ,
Sem que elle cesse
De a ir buscar.

Nas limpas aguas
Habita aquelle :
Por cima delle
Verdejão ramos ,
Que pomos dão.

De balde a bocca
Molhar pertende ;
De balde estende
Faminta mão.

Tem outro o peito
Despedaçado :
Monstro esfaimado
Iá mais descança
De l. o roer.

A roxa carne ,
Que abutre come ,
Não se consome ,
Torna a crescer.

Mas bem que tudo
Pavor inspira ,
Tocando a lyra
Desce ao Averno
O bom Cantor.

Não se entorpece
A liugua , e braço ;
Não teme o passo ,
Não perde a côr.

Ah !

Ah ! tambem quanto
Dirceo obrára,
Se precizára,
Marilia bella,
Do esforço séu !
 Rompera os mares
C' o peito terno,
Fôra ao Inferno,
Subíra ao Ceo.

Aos dois amantes,
De Thracia, e Abydo,
Não deo Cupido
Do que aos mais todos
Maior valor.

 Por seus vassallos
Forças reparte ;
Como lhes parte
Os grãos de Amor.



L Y R A XIV.

MINHA bella Marilia , tudo passa ;
 A sorte deste mundo he mal segura ;
 Se vem depois dos males a ventura ,
 Vem depois dos prazeres a desgraça.

Estão os mesmos Deoses
 Snjeitos ao poder do impio Fado :
 Apollo já fugio do Ceo brilhante ,
 Já foi Pastor de gado.

A devorante mão da negra Morte
 Acaba de roubar o bem que temos ;
 Até na triste campa não podemos
 Zombar do braço da inconstante sorte.

Qual fica no Sepulcro ,
 Que seus avós erguêrão , descansado :
 Qual no campo , e lhe arranca os frios ossos
 Ferro do torto arado.

Ah!

Ah! em quanto os Destinos impiedosos
Não voltão contra nós a face irada,
Façamos, sim façamos, doce amada,
Os nossos breves dias mais ditosos.

Hum coração que frouxo
A grata posse de seu bem differe,
A si, Marilia, a si proprio rouba,
E a si proprio fere.

Ornemos nossas testas com as flores;
E façamos de feno hum brando leito,
Prendamo-nos, Marilia, em laço estreito,
Gozemos do prazer de sãos Amores.

Sobre as nossas cabeças,
Sem que o possam deter, o tempo corre
E para nós o tempo, que se passa,
Tambem, Marilia, morre.

Com os annos, Marilia, o gosto falta,
E se entorpece o corpo já cançado;
Triste o velho cordeiro está deitado,
E o leve filho sempre alegre salta.

A mesma formosura

He nocte que só goza a mocidade:
Rugão-se as faces, o cabello alveja,
Mal chega a longa idade.

Que havemos d' esperar, Marilia bella?
Que vão passando os florecentes dias?
As glorias, que vem tarde, já vem frias;
E póde em fim mudar-se a nossa estrella.

Ah! não, minha Marilia,

Aproveite-se o tempo, antes que faça
O estrago de roubar ao corpo as forças.
E ao semblante a graça.



L Y R A X V.

A MINHA bella Marilia
Tem de seu hum bom thesouro
Não he , Alceo , formado
Do buscado
Metal louro.

He feito de huns alvos dentes :
He feito de huns olhos bellos :
De humas faces graciosas ,
De crespos , finos cabellos ;
E de outras graças maiores ;
Que a natureza lhe deo :
Bens que valem sobre a terra ,
E que tem valor no Ceo.

Eu posso romper os montes
Dar ás correntes desvios ;
Por cercados espaçosos
 Nos caudosos
 Turvos rios.
Posso emendar a ventura
Ganhando astuto a riqueza ;
Mas , ah ! caro Alceo , quem póde
Ganhar huma só belleza
Das bellezas , que Marília
No seu thesouro metteo ?
Bens , que va'em sobre a terra ,
E que tem valor no Ceo.

Da sorte que vive o rico ,
Entre o fausto alegremente ,
Vive o guardador de gado
 Apoucado ,
 Mas contente.

Beije pois torpe avarento
As arcas de barras chêas:
Eu não beijo os vis thesouros ;
Beijo as douradas cadêas ;
Beijo as settas , beijo as armas
Com que o cêgo Amor venceo :
Bens , que valem sobre a terra ,
E que tem valor no Ceo.

Ama Apollo , o fero Marte ;
Ama , Alceo , o mesmc Jove :
Nã he não a vã riqueza ,
 Sim belleza
 Quem os move.

Posto ao lado de Marilia
Mais que mortal me contemplo :
Deixo os bens que aos homens cêgão ,
Sigo dos Deoses o exemplo :
Amo virtudes , e dotes ;
Amo em fim , prezado Alceo ,
Bens que valem sobre a terra ,
E que tem valor no Ceo.



L Y R A XVI.

Eu, Glauceste, não duvido
 Ser a tua Eulina amada
 Pastora formosa,
 Pastora engraçada.
 Vejo a sua côr de rosa,
 Vejo o seu olhar divino,
 Vejo os seus purpureos beijos,
 Vejo o peito crystalino;
 Nem ha cousa que se assemelhe
 Ao crispo cabello louro.
 Ah! que a tua Eulina vale,
 Vale hum immenso thesouro!

Ella vence muito, e muito
 A' lorangeira copada,
 Estando de flores,
 E fructos ornada.

He , Glauceste , os teus Amores ;
E nem por outra Pastora ,
Que menos dotes tivera ,
Ou que menos bella fôra ,
O meu Glauceste cançára
As divinas cordas de ouro.
Ah ! que a tua Eulina , vale ,
Vale hum immenso thesouro !

Sim , Eulina he huma Deosa ;
Mas anima a formosura
 De huma alma de féra ,
 Ou ainda mais dura.
Ah ! quando Alceo pondéra
Que o seu Glaucesse suspira ,
Perde , perde o sofrimento ,
E qual enfermo delira !
Tenha embora brancas faces ,
Meigos olhos , fios de ouro ,
A tua Eulina não vale ,
Não vale immenso thesouro.

O fuzil , que imita a cobra ;
Tambem aos olhos he bello ;

Mas quando alumêa
Tu tremes de vélo.

Que importa se mostre chêa
De mil bellezas a ingrata ,
Não se julga formosura
A formosura que mata.
Evita , Glauceste , evita
O teu estrago , e desdouro.
A tua Eulina não vale ,
Não vale immenso thesouro.

A minha Marilia quanto
A' natureza não deve !
Tem divino rosto ,
E tem mãos de neve.

Se mostro na face o gosto ,
 Ri-se Marilia contente :
 Se canto , canta comigo ;
 E apenas triste me sente ,
 Limpa os olhos com as tranças
 Do fino cabelo louro.
 A minha Marilia vale ,
 Vale hum immenso thesouro.



L Y R A : XXIII.

MINHA Marilia
 Tu enfadada ?
 Que mão ousada
 Perturbar póde
 A paz sagrada
 Do peito teu ?

Porém que muito
Que irado esteja
O teu semblante,
Tambem troveja
O claro Cee.

Eu sei, Marilia,
Que outra Pastora
A toda a hora,
Em toda a parte,
Céga namora
Ao teu Pastor.

Ha sempre fumo
Aonde ha fogo ;
Assim, Marilia,
Ha zelos, logo
Que existe amor.

Olha , Marília ,
Na fonte pura
A tua alvura ,
A tua boca ,
E a compostura
Das mais feições .

Quem tem teu rosto ,
Ah ! não receia ,
Que terno amante
Solte a cadeia ,
Quebre os grilhões.

Não anda Laura
Nestas campinas
Sem as boninas
No seu cabelo ,
Sem pelles finas
No seu jubão.

Porém que importa ?

O rico aceio

Ñão dá , Marilia ,

Ao rosto feio

A perfeiçãõ.

L Y R A XVIII.

NÃO ves aquelle velho respeitavel,
 Que á moleta encostado,
 Apenas mal se move , e mal se arrasta ?
 Oh quanto estrago ñão lhe fez o tempo ?
 O tempo arrebatado ,
 Que o mesmo bronze gasta.

Enrugárãõ-se as faces , e perdêrãõ
 Seus olhos a viveza ;
 Voltou-se o seu cabello em branca neve :
 Já lhe treme a cabeça , a mão , o queixo ;
 Nem tem huma belleza
 Das bellezas que teve.

Assim tambem serei , minha Marilia
Daqui a poucos annos ;
Que o impio tempo para todos corre.
Os dentes cahirão , e os meus cabellos.
Ah ! sentirei os damnos ,
Que evita só quem morre.

Mas sempre passarei huma velhice
Muito menos penoza.
Não trarei a moleta carregada :
Descançarei o já vergado corpo
Na tua mão piedosa ,
Na tua mão nevada.

As frias tardes em que negra nuvem
Os chuveiros não lance ,
Irei contigo ao prado florescente :
Aqui me buscarás hum sitio ameno ,
Onde os membros descance ,
E ao brando Sol me aquente.

Apenas me sentar, então movendo
Os olhos por aquella
Vistoza parte, que ficar fronteira:
Apontando direi: *Alli fallámos,*
Alli, ó minha bella,
Te vi a vez primeira.

Verterão os meus olhos duas fontes,
Nascidas de alegria:
Faraõ teus olhos ternos outro tanto:
Então darei, Marilia, frios beijos,
Na mão formosa, e pia,
Que me limpar o pranto.

Assim irá, Marilia, docemente
Meu corpo supportando
Do tempo deshumano a dura guerra.
Contente morrerei, por ser Marilia
Quem sentida chorando,
Meus baços olhos cerra.



L Y R A XIX.

EM quanto pasta alegre o manso gado,
 Minha bella Marilia, nos sentemos
 A' sombra deste cedro levantado.

Hum pouco meditemos
 Na regular belleza,
 Que em tudo quanto vive, nos descobre
 A sabia Natureza.

Attende, como aquella vaca preta
 O novilhinho seu dos mais separa,
 E o lambe, em quanto chupa a liza teta.

Attende mais, ó chara,
 Como a ruiva cadella
 Supporta que lhe morda o filho o corpo,
 E salte em cima della.

Repara, como cheia de ternura
 Entre as azas ao filho essa ave aquenta:
 Como aquella esgravata a terra dura,
 E os seus assim sustenta;
 Como se encoleriza,
 E salta sem receio a todo o vulto,
 Que junto delles piza.

Que gosto não terá a espoza amante
 Quando der ao filhinho o peito brando,
 E reflectir então no seu semblante!
 Quando, Marília, quando
 Disser comigo: *he esta*
De teu querido pai a mesma barba,
 A mesma bocca, e testa.

Que gosto não terá a mãe, que toca,
 Quando o tem nos seus braços, c' o dedinho
 Nas faces graciosas, e na bocca
 Do innocente filhinho!
 Quando, Marília bella,
 O terno infante já com risos mudos
 Começa a conhecê-la!

Que

Que prazer não terãõ ospais ao verem
 Com as mãis hum dos filhos abraçados;
 Jogar outros a luta, outros correrem
 Nos cordeiros montados!
 Que estado de ventura!
 Que até naquillo, que de pezo serve,
 Inspira Amor doçura.



L Y R A XX.

EM huma frondoza
 Roseira se abria
 Hum negro botaõ.
 Marilia adorada
 O pé lhe torcia
 Com a branca mão,

Nas folhas viçosas
A abelha enraivada
O corpo escondeo.
Tocou-lhe Marília,
Na mão descuidada
A léra mordeo.

Apenas lhe morde,
Marília gritando,
C'o dedo fugio.
Amor, que no bosque
Estava brincando,
Aos ais audio.

Mal vio a rotura
E o sangue espargido,
Que a Deosa mostrou;
Risonho beijando
O dedo offendido,
Assim lhe fallou.

*Se tu por tão pouco
O pranto desatas ,
Ah ! dá-me attenção ;
E como daquelle ,
Que feres , e matas ,
Não tens compaixão ?*

L Y R A XXI.

NÃO sei , Marilia , que tenho ,
Depois que vi o teu rosto ;
Pois quanto não he Marilia ,
Já não posso ver com gosto.
Noutra idade me alegrava ,
Até quando conversava
Com o mais rude vaqueiro :
Hoje , ó bella , me aborrece
Inda o trato lizongeiro
Do mais discreto pastor.
Que effeitos são os que sinto !
Serão effeitos de amor ?

Sáio da minha cabana
Sem reparar no que faço ;
Busco o sitio aonde moras ,
Suspendo defronte o passo.

Fito os olhos na janella ,
Aonde , Marilia bella ,
Tu chegas ao fim do dia ;
Se alguém passa , e te saúda ,
Bem que seja cortezia ,
Se accende na face a côr.
Que effeitos são os que sinto !
Serão effeitos de Amor ?

Se estou , Marilia , comtigo ,
Não tenho hum leve cuidado ;
Nem me lembra , se são horas
De levar á fonte o gado.

Se vivo de ti distante,
Ao minuto, ao breve instante,
Finge hum dia o meu desgosto:
Já mais, Pastora, te vejo
Que em teu semblante composto
Não veja graça maior.
Que effeitos são os que sinto!
Serão effeitos de Amor?

Ando já com o juizo,
Marilia, tão perturbado,
Que no mesmo aberto sulco
Metto de novo o arado.

Aqui no centeo pégo,
Noutra parte em vão o cégo:
Se alguem comigo conversa,
Ou não respondo, ou respondo
Noutra coiza tão diversa,
Que nexo tão tem menor.
Que effeitos são os que sinto!
Serão effeitos de Amor?

Se geme o bufo agoureiro
 Só Marilia me desvella:
 Enche-se o peito de magoa,
 E não sei a causa della.

Mal durmo, Marilia, sonho.
 Que fero leão medonho
 Te devora nos meus braços:
 Gella-se o sangue nas veas.
 Solto do somno os laços
 A força da immensa dor.
 Ah! que os effeitos que sinto
 Só são effeitos de Amor.

LYRA XXII.

MUITO embora, Marilia, muito embora
 Outra belleza, que não seja a tua,
 Com a vermelha roda, a seis puxada,
 Faça tremer a rua.

As paredes da sala aonde habita
Adorne a seda, e o tremó dourado,
Pendão largas cortinas, penda o lustre
Do tecto apainelado.

Tu não habitarás Palacios grandes,
Nem andarás nos coches voadores;
Porém terás hum Vate, que te preze,
Que cante os teus louvores.

O tempo não respeita a formosura;
E da palida morte a mão tyrannia
Arrazta os edificios dos Augustos,
E arraza a vil choupana.

Que bellezas, Marilia, florecerão
De quem nem se quer temos a memoria!
Só podem conservar hum nome eterno
Os versos, ou a historia.

Se não houvesse Tasso , nem Petrarcha ,
 Por mais que qualquer dellas fosse linda ,
 Já não sabia o mundo , se existirão
 Nem Laura , nem Clorinda.

He melhor , minha bella , ser lembrada
 Por quantos hão de vir sabios humanos ,
 Que ter urcos , ter coches , e thesouros ,
 Que morrem com os annos.

LYRA XXIII.

NUM sitio ameno
 Cheio de rosas ,
 De brancos lyrios ,
 Murtas viçosas ;

Dos seus amores
 Na companhia
 Dirceo passava
 Alegre o dia.

Em tom de graça,
Ao terno amante
Manda Marilia
Que toque, e cante.

Péga na lyra,
Sem que a tempere,
A voz levanta,
E as cordas fere.

C'os doces pontos
A mão atina,
E a voz iguala
A voz divina.

Ella, que teve
De rir-se a idéa,
Nem move os olhos
De assombro chêa.

Então Cupido

pparecendo,

'bella salta

ssim dizendo;

Lo teu amado

lyra fias.

ó porque delle

bando rias?

Quando n'um peito

ssento faco

o peito suco

l'lingua, e braço.

Nem creias que outro

stylo tome,

endo eu o mestre,

l'acção teu nome.



LYRA XXIV.

ENCHEO, minha Marilia, o grande Jove
 De immensos animaes de toda a especie
 As terras, mais os ares,
 O grande espaço dos salobres rios,
 Dos negros, fundos mares.
 Para sua defeza,
 A todos dêo as armas, que convinha,
 A sabia Natureza.

Dêo as azas aos passaros ligeiros
 Dêo ao peixe escamoso as Lanbatanas:
 Dêo veneno á serpente,
 Ao membrudo Elefante a enorme tromba,
 E ao Javali o dente.
 Coube ao Leão a garra:
 Com leve pé saltando o Cervo foge;
 E o bravo Touro marra.

Ao homem dêo as armas do discurso
Que valem muito mais que as outras armas:
Dêo-lhe dedos ligeiros,
Que podem converter em seu serviço
Os ferros, e os madeiros;
Que tecem fortes laços,
E forjão raios com que aos brutos cortão
Os vôos, mais os passos.

As timidas donzellas pertencerão
Outras armas, que tem dobrada força:
Dêo-lhes a Natureza
Além do entendimento, além dos braços
As armas da belleza.
Só ella ao Cer se atreve,
So ella mudar póe o gello em fogo,
Mudar o fogo em nevê.

Eu vejo , eu vejo ser a formosura
Quem arrancou da mão de Coriolano
A cortadora espada.
Vejo que foi de Helena o lindo rosto
Quem pôz em campo armada
Toda a força de Grecia
E quem tirou o Sceptro aos Reis de Roma,
Só foi , só foi Lucrecia.

Se podem lindos rostos , mal suspirão ,
O braço desarmar do mesmo Achilles ;
Se estes rostos irados
Podem soprar o fogo da descordia
Em povos alliados ;
Hes arbitra da
Tu pôdes dar , Marilia , a todo o mundo
A paz ; e a durá guerra.



L Y R A XXV.

O Cego Cupido hum dia
Com os seus Genios fallava,
Do modo que lhe restava
De captivar a Dirceo.

Depois de larga disputa,
Hum dos Genios mais sagazes
Lhe e conselho lhe dêo;

As settas mais aguçadas,
Como se em roca batessem,
Dão nos seus peitos, e descem
Todas quebradas ao chão.

Só as graças de Marilia
Podem vencer hum tão duro,
Não izento coração.

A fortuna desta empreza
Consiste em armar-se o laço,
Sem que sinta ser o braço,
Que lho prepara, de Amor.

Que elle vive como as aves,
Que já deixarão as penas
No visco do Caçador.

Na força deste conselho
O raivozo Deos socega,
E á tropa a honra entrega
De o fazer executar.

Todos pertendem ganhá-la,
Batem as azas ligeiros,
E vão as armas busca

Os primeiros se occultarão
 a Doesa nos olhos bellos;
 qual se enlaçou nos cabellos;
 qual ás faces se prendeo.

Hum amorinho cansado
 alio dos labios ao seio,
 nos peitos se escondeo.

Outro Genio mais astuto;
 este novo ardil alcança,
 ludase n'uma criança
 e divino parecer.

Esconde as azas, e a venda;
 conde as settas, e quanto
 pode dá-lo a conhecer.

Ella que vê hum menino
Todo de graças cuberto,
Tão rizonho, e tão esperto
Alí sózinho brincar.

A elle endireita os passos;
Finge Amor ter medo, e a Deosa
Mais se empenha em lhe pegar.

Ella corria chamando;
Elle fugia, e chorava:
Assim forão onde estava
O descuidado Pastor.

Este, mal viu a belleza,
E o gentil menino, entende
A malicia do traidor.

Põe as mãos sobre os ouvidos,
Cerra os olhos, e constante
Não quer ver o seu semblante,
Não o quer ouvir fallar.

Qual Ulysses noutra idade
Para illudir as Sereas
Mandou tambores tocar.

Cupido, que a empreza via,
Ju'ga o intento frustrado,
E de raiva transportado
O corpo no chão lançou.

Traçou a lingua nos dentes;
Morceo as unhas no rosto,
E os cabellos arrancou.

O Genio , que se escondia
Entre os peitos da Pastora ,
Ergueo a cabeça fóra ,
E o successo conheceo.

Deixa o socego em que estava ,
E vai ligeiro metter-se
No peito do bom Dirceo.

Apenas c'o brando peito
Lhe tocou a neve fria ,
Com o calor que trazia
Lhe abrazou o coração.

Dá o Pastor hum suspiro ,
Abre os seus olhos , e sólta
Do apertado ouvido a mão.

Logo que virão os Genios
Ao triste Pastor disposto
Para ver o lindo rosto,
Para as palavras ouvir.

Cada hum as armas toma,
Cada hum com ellas busca
Seu terno peito ferir.

Com os cabellos da Deosa
Lhe fórma hum Cupido laços,
Que lhe segurão os braços,
Como se fossem grillhões.

O Pastor já não resiste;
Lhe beija satisfeito
As suas doces prietas.



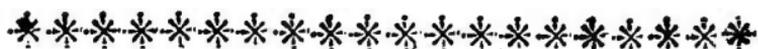
L Y R A XXVI.

O DESTRO Cupido hum dia
 Extrahio mimosas cores
 De frescos lyrios, e rosas,
 De jasmins, e de outras flores.

Com as mais delgadas pennas
 Usa de huma, e de outra tinta,
 E nos angulos do cobre
 A quatro bellezas pinta.

Por fazer pensar a todos
 No sen lizo centro escreve
 Hum letreiro, que pergunta:
Este espaço a quem se deve?

Venus, que vio a pintura,
 E leo a letra engenhosa,
 Pôz por baixo: *eu delle cedo;*
Dê-se a Mariia formosa.



L Y R A XXVII.

ALEXANDRE, Marilia, qual o rio
 Que engrossando no Inverno tudo arraza,
 Na frente das cohortes
 Cêrca, vence, abraza
 As Cidades mais fortes.
 Na gloria das armas o primeiro,
 Na flor dos annos, e já tinha
 Vencido o mundo inteiro.

Mas este bom Soldado, cujo nome
 Não ha poder algum, que não abata,
 Foi, Marilia, sômente
 Hum ditozo pirata,
 Hum salteador valente.
 Se não tem huma fama baixa, e escura,
 Foi por se pôr ao lado da injustiça
 A insolente ventura.

O grande Cesar , cujo nome vòã ,
A' sua mesma Patria a fé quebranta ;

Na mão a espada toma ,
Opprime-lhe a garganta ,
Dá Senhores a Roma.

Consegue ser heroe por hum delicto ;
Se acaso não vencesse então seria
Hum vil traidor proscripto.

O ser heroe , Maria , não consiste
Em queimar os Imperios : move a guerra ,

Espalha o sangue humano ,
E despoyoa a terra
Tambem o máo tyranno.

Consiste o ser heroe em viver justo :

E tanto póde ser heroe o pobre ,

Como o maior Augusto.

Eu he que sou heroe , Marilia bella ,
Seguindo da virtude a honroza estrada.

Ganhei , ganhei , hum throno.

Ah ! não manchei a espada ,

Não o roubei ao dono.

Ergui-o no teu peito , e nos teus braços :

E valem muito mais que o mundo inteiro

Huns tão ditozos laços.

Aos barbaros , injustos vencedores

Atormentão remorsos , e cuidados ;

Nem descanção seguros

Nos Palacios cercados

De tropa , e de altos muros.

E a quantos nos não mostra a sabia historia

A quem mudou o fado em negro opprobrio

A mal ganhada gloria ?

Eu vivo , minha bella , sim , eu vivo
 Nos braços do descanso , e mais do gosto :
 Quando estou acordado ,
 Contemplo no teu rosto
 De graças adornado ;
 Se durmo logo sonho , e alli te vejo.
 Ah ! nem desperto , nem dormindo sóbe
 A mais o meu desejo.



L Y R A XXVIII.

CUPIDO tirando
 Dos hombros a aljava ,
 N'um campo de flores
 Contenté brincava.

E o corpo tenrinho
 Depois enfadado ,
 Incanto reclina
 Na relva do prado.

Marilia formosa ,
Que ao Deos conhecia ,
Occulta espreitava
Quanto elle fazia.

Mal julga que dorme
Se chega contente ,
As armas lhe furta ,
E o Deos a não sente.

Os Faunos mal virão
As armas roubadas ,
Sahirão das grutas
Soltando rizadas.

Acorda Cupido ,
E a causa sabendo ,
A quantos o insultão
Responde dizendo :

*Temeis as settas
 Nas minhas mãos cruas?
 Vereis o que podem
 Agora nas suas.*



L Y R A XXIX.

O TYRANO Amor risonho
 Me apparece, e me convida
 Para que seu jugo acceite;
 E quer, que eu passe em deleite
 O resto da triste vida.

*O sonoro Anacreonte
 (Astuto o moço dizia)
 Já perto da morte estava,
 Inda de amores cantava;
 Por isso alegre vivia.*

*Aos negros , duros pezares
Não resiste hum peito fraco ,
Se Amor o não fortalece :
O mesmo Jove carece
De Cupido , e mais de Baccho.*

*Eu lhe respondo : Perjuro ,
Nada creio do que dizes !
Porque já te fui sujeito ,
Inda conservo no peito
Estas frescas cicatrizes.*

*Amor , vendo que da offerta
Algun apreço faço ,
Me diz affeito , que trate
De ir com elle a combate
Peito a peito , braço a braço.*

Vou buscar as minhas armas:
Cinjo primeiro que tudo
O brilhante arnêz, e á pressa
Ponho hum elmo na cabeça,
Tomo a lança, e o grosso escudo.

Mal no Campo me apresento
Marilia (ó Ceos!) me apparece:
Logo que os olhos me fita,
O meu coração palpita,
A minha mão desfallece.

Então me diz o tyranno:
Confessa louco o teu erro;
Contra as armas da belleza,
Não vale a externa defeza
Dessa armadura de ferro.



L Y R A XXXI

JUNTO a huma clara fonte
 A mãe de Amor se sentou:
 Encostou na mão o rosto,
 No leve somno pegou.

Cupido, que a vio de longe,
 Contente ao lugar corrêo,
 Cuidando que era Marilia
 Na face hum beijo lhe dêo.

Acorda Venus irada:
 Amor a conhece: e então
 Da ouzadia, que teve,
 Assim lhe pede o perdão:

*Foi facil, ó mãe formosa,
 Foi facil, o engano meu;
 Que o semblante de Marilia
 de todo o semblante teu.*



L Y R A XXXI:

MINHA Marília,
Se tens belleza,
Da Natureza
He hum favor.
Mas se aos vindouros
Teu nome passa,
He só por graça
Do Deos de amor,
Que terno inflamma
A mente, o peito
Do teu pastor.

Em vão se virão
Perolas mimosas,
Jasmins, e rosas
No rosto teu.
Em vão terias
Essas estrellas,
E as tranças bellas
Que o Ceo te dêo;
Se em doce verso
Não as cantasse
O bom Dirceo.

O voráz tempo
Ligeiro corre :
Com elle morre
A perfeição.
Essa que o Egypto
Sábia modera ,
De Marco impera
No coração ;
Mas já Octavio
Não sente a força
Do seu grilhaõ.

Ah! vem, ó bella,
E o teu querido,
Ao Deos Cupido
Louvores dar!
Pois faz que todos
Com igual sorte
Do tempo, e morte
Possão zombar;
Tu por formosa,
E elle, Marilia,
Por se cantar.

Mas ai! Marilia,
Que de hum amante,
Por mais que caute,
Gloria não vem!
Amor se pinta
Menino, e cégo:
No doce emprego
Do charo bem
Não vê defeitos,
E augmenta, quantas
Bellezas tem.

Nenhum dos Vates ,
Em teu conceito ,
Nutrio no peito
Nescia paixão ?
Todas aquellas ,
Que vês cantadas ,
Forão dotadas
De perfeição ?
Forão queridas ;
Porém formosas
Talvez que não.

Porém que importa
Não valha nada
Seres cantada
Do teu Dirceo?
Tu tens, Marília,
Cantor celeste;
O meu Glauceste
A voz ergueo;
Irá teu nome
Aos fins da Terra,
E ao mesmo Ceo.

Quando nas azas
Do leve vento
Ao Firmamento
Teu nome for :
Mostrando Jove
Graça extremoza ,
Mudando a Espoza
De inveja a cor ;
De todos ha-de ,
Voltando o rosto ,
Sorri: -se Amor.

Ah ! não se manche
Teu brando peito
Do vil defeito
Da ingratição :
Os versos beija ,
Gentil Pastora ,
A penna adora ,
Respeita a mão ,
A mão discreta ,
Que te segura
A duração.



LYRA XXXII.

NUMA noite socegado
Velhos papeis revolvía,
E por ver de que tratavão
Hum por hum a todos lia.

Erão copias emendadas
De quantos versos melhores,
Eu compuz na terna idade
A meus diversos amores.

Aqui leio justas queixas
Contra a ventura formadas,
Leio excessos mal acceitos,
Doces promessas quebradas.

Vendo semrazões tamanhas
Fu exclamo transportado:
e finezas tão mal feitas!
Que tempo tão mal passado!

Junto pois n' hum grande monte
Os soltos papeis , e logo ,
Porque reliquias não fiquem ,
Os intento pôr no fogo.

Então vejo , que o Deos cêgo ,
Com semblante carregado ,
Assim me falla , e crimina
O meu intenro acertado.

*Queres queimar esses versos ?
Dize , Pastor atrevido ,
Essas Lyras não te forão
Inspiradas por Cupida ?*

*Achas , que de taes amores
Não deve existir memoria ?
Sepultando esses triunfos ,
Não roubas a minha gloria ?*

Disse Amor; e mal se calla,
Nos seus hombros a mão pondo,
Com hum semblante sereno,
Assim á queixa respondo:

*Depois, Amor, de me dares
A minha Marilia bella,
Devo guardar humas Lyras,
Que não são em honra della?*

*E que importa, Amor, que importa
Que a estes papeis destrua;
Se he tua esta mão, que os rasga,
Se a chamma, que os queima, he tua?*

Apenas Amor me escuta,
Manda que os lance nas brazas;
E ergue a chamma c'o vento,
Que formou batendo as azas.



L Y R A XXXIII.

PEGA na lyra sonora,
 Pega, meu caro Glauceste;
 E ferindo as cordas de ouro,
 Mostra aos rusticos Pastores
 A formosura celeste
 De Marilia, meus amores.

Ah, pinta, pinta
 A minha bella!
 E em nada a copia
 Se affaste della.

Que concurso, meu Glauceste!
 Que concurso tão ditozo!
 Tu hes digno de cantares
 O seu semblauté divino;
 E o teu canto sonorozo
 Tambem do seu rosto he dino.

Ah,

Ah , pinta , pinta
A minha bella !
E em nada a copia
Se affaste della.

Para pintares ao vivo
As suas faces mimozas ,
A discreta Natureza ,
Que providencia não teve !
Criou no jardim as rosas ,
Fez o lyrio , e fez a neve.

Ah , pinta , pinta
A minha bella !
E em nada a copia
Se affaste della.

A pintar as negras tranças
Peço que mais te desvelles:
Piata chusmas de amorinhos
Pelos seus fios trepando ,
Huns tecendo cordas delles ,
Outros com elles brincando.

Ah , pinta , pinta
A minha bella !
E em nada a copia
Se affaste della.

Para pintares , Glauceste .
Os seus beijos graciosos ,
Entre as flores tens o cravo ,
Entre as pedras a granada ,
E para os olhos formosos
A Pirella da madrugada.

Ah , pinta , pinta
A minha bella !
E em nada a copia
Se affaste della.

Mal retratares do rosto
Quanto julgares preciso
Não dês a copia por feita ;
Passa a outros dotes , passa ,
Pinta da vista , e do rizo
A modestia , mais a graça.

Ah ,

Ah , pinta , pinta
A minha bella !
E em nada a copia
Se affaste delja.

Pinta o garbo de seu rosto
Com expressões delicadas ;
Aos seus pés , quando passeão ,
Pizando ternos amores ;
E as mesmas plantas calcadas
Brotando viçoza flores.

Ah , pinta , pinta
A minha bella !
E em nada a copia
Se affaste della.

Pinta mais , prezado amigo ,
Hum terno amante beijando
Suas doiradas cadeias ;
E em doce pranto desfeito ,
Ao monte , e valle ensinando
O nome , que tem no peito.

Ah ,

Ah , pinta , pinta
A minha bella !
E em nada a copia
Se affaste della.

Nem suspendas o teo canto ,
Inda que ; Pastor , se veja
Que a minha bocca suspira ,
Que se banha em pranto o rosto ;
Que os outros chorão de inveja ;
E chora Dirceo de gosto.

Ah , pinta , pinta
A minha bella !
E em nada a copia
Se affasta della.

F I M.

MARILIA
DE
DIRCEO.

POR T. A. G.

SEGUNDA PARTE.

Nova edição.

Antônia Teófilo de

B. 2ª edição

RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.

Com Licença de S. A. R.

1810.

M A R I L I A
D E
D I R C E O.



L Y R A I.

JA' não cinjo de loiro a minha testa,
Nem sonoras Canções o Deos inspira:

Ah! que nem me resta
Huma já quebrada,
Mal scnora Lyra!

Mas neste mesmo estado em que me vejo,
Pede, Marilia, Amor que vá cantar-te:

Cumpro o seu desejo;
E ao que resta supra
A paixão, e a arte.

A fumaça, Marilia, da cadea,
 Que a molhada parede ou çuja, ou pinta;
 Bem que tosca, e fea,
 Agora me póde
 Ministrarr a tinta.

Os mais preparos o discurso apronta:
 Elle me diz, que faça no pé de huma
 Má laranja ponta,
 E delle me sirva
 Em lugar de pluma.

Perder as uteis horas não, não devo
 Verás, Marilia, huma idéa nova:
 Sim, eu já te escrevo,
 Do que esta alma dita
 Quanto amor approva.

*Honorate l'al-
 tissimo poeta!*

Quem vive no regaço da ventura,
Nada obra em te adorar, que assombro faça:
Mostra mais ternura
Quem te estima, e morre
Nas mãos da desgraça.

Nesta cruel masmorra tenebrosa
Ainda vendo estou teus olhos bellos,
A testa formosa,
Os dentes nevados,
Os negros cabellos.

Vejo, Marília, sim, e vejo ainda
A chusma dos Cupidos, que pendentos
Dessa bocca linda,
Nos ares espalhão
Suspiros ardentes.

Se alguém me perguntar onde eu te vejo,
Responderei = no peito = que huns Amores
De casto desejo
Aqui te pintarão,
E são bons Pintores.

Mal meus olhos te virão, ah! nessa hora
Teu retrato fizerão, e tão forte,
Que entendo, que agora
Só pôde apagallo
O pulso da Morte.

Isto escrevia, quando, ó Ceos, que pejo!
Descubro a lêr-me os versos o Deos loiro.
Ah! da-lhes hum beijo,
E diz-me que valem
Mais que letras de oiro.



L Y R A II.

E Sprema a vil calumnia muito embora
Entre as mãos denegridas, e insolentes
Os venenos das plantas,
E das bravas serpentes.

Chovão raios e raios, no meu rosto
Não has-de ver, Marília, o medo escrito:
O medo perturbado,
Que infunde o vil delicto.

Pódem muito conheço, pódem muito,
As Furias infernaes, que Pluto move;
Mas póde mais que todas
Hum dedo só de Jove.

Este Deos converteo em flor mimosa ,
A quem seu nome derão , a Narciso ,
Fez de muitos os Astros ,
Qu' inda no Ceo diviso.

Elle póde livrar-me das injurias
Do nescio , do atrevido ingrato povo ;
Em nova flor mudar-me ,
Mudar-me em Astro novo.

Porém se os justos Ceos por fins occultos
Em tão tyranno mal me não soccorrem ,
Verás então , que os sabios ,
Bem como vivem , morrem.

Eu tenho hum coração maior que o mundo.
Tu , formosa Marilia , bem o sabes :
Hum coração , e basta ,
Onde tu mesma cabes.



L Y R A III.

Succede , Marilia bella ,
A' medonha noite o dia :
A estação chuvosa e fria ,
A' quente secca estação.
Muda-se a sorte dos tempos ;
Só a minha sorte não ?

Os troncos , nas Primaveras ,
Brotão em flores viçosos ;
Nos Invernos escrabrosos
Largão as folhas no chão.
Muda-se a sorte dos troncos ;
Só a minha sorte não ?

Aos brutos, Marilia, cortão
Armadas redes os passos;
Rompem depois os seus laços,
Fogem da dura prisão.

Muda-se a sorte dos brutos,
Só a minha sorte não?

Nenhum dos homens conserva
Alegre sempre o seu rosto;
Depois das penas vem gosto,
Depois do gosto afflicção.

Muda-se a sorte dos homens,
Só a minha sorte não?

Aos altos Deoses movêrão
Soberbos Gigantes guerra;
No mais tempo, o Ceo, e a Terra
Lhes tributa adoração.

Muda-se a sorte dos Deoses;
Só a minha sorte não?

Hade, Marilia, mudar-se
Do destino a inclemencia:
Tenho por mim a innocencia,
Tenho por mim a razão.
Muda-se a sorte de tudo;
Só a minha sorte não?

O tempo, ó bella, que gasta
Os troncos, pedras, e o cobre,
O véo rompe, com que encobre
A' verdade a vil traição.
Muda-se a sorte de tudo;
Só a minha sorte não?

Qual eu sou verá o mundo,
Mais me dará-do que eu tinha,
Tornarei a ver-te minha.
Que feliz consolação!
Não hade tudo mudar-se,
Só a minha sorte nao.



L Y R A IV.

JA', já me vai, Marília, branquejando
Loiro cabello, que circúla a testa,
Este mesmo, que alveja, vai cahindo,
E pouco já me resta.

As faces vão perdendo as vivas côres,
E vão-se sobre os ossos enrugando,
Vai fugindo a viveza dos meus olhos;
Tudo se vai mudando.

Se quero levantar-me, as costas vergão;
As forças dos meus membros já se gastão,
Vou a dar pela casa huns curtos passos;
Pesão-me os pés, e arrastão.

Se algum dia me vires desta sorte,
Vê que assim me não pôs a mão dos annos:
Os trabalhos, Marilia, os sentimentos,
Fazem os meus damnos,

Mal te vir, me dará em poucos dias,
A minha mocidade o doce gosto;
Veras burnir-se a pelle, o corpo encher-se,
Voltar a côr ao rosto.

No calmoso Verão as plantas seccão,
Na Primavera, que aos mortaes encanta,
Apenas cahe do Ceo o fresco orvalho,
Verdeja logo a planta.

A doença deforma a quem padece;
Mas logo que a doença fez seu termo,
Torna, Marilia, a ser quem era d'antes,
O definhado enfermo.

Suppõe-me qual doente , ou qual a planta ,
 No meio da desgraça , que me altera :
 Eu tambem te supponho qual saude ,
 Ou qual a Primavera.

Se dão esses teus meigos , vivos olhos
 Aos mesmos Astros luz , e vida ás flores ;
 Que effeitos não farão , em quem por elles
 Sempre morreo de amores ?

L Y R A V.

OS mares , minha bella , não se movem ;
 O brando Norte assopra , nem diviso
 Huma nuvem sequer na Esfera toda ,
 O destro Nauta aqui não he preciso ;
 Eu só conduzo a náó , eu só modéro
 Do seu governo a roda.

Mas

Mas ah ! que o Sul carrega , o mar se empolla ,
Rasga-se a véla , o mastaréo se parte !
Qualquer varão prudente aqui já teme
Não tenho a necessaria força , e arte.
Corra o sabio Piloto , corra , e venha
Reger o duro leme.

Como succede á não no mar , succede
Aos homens na ventura , e na desgraça :
Basta ao feliz não ter total demencia ,
Mas quem de venturoso a triste passa ,
Deve entregar o leme do discurso
Nas mãos da sã prudencia.

Todo o Ceo se cubrio , os raios chovem ;
E esta alma , em tanta pena consternada ,
Nem sabe aonde possa achar conforto.
Ah , não , tardes , vem , Marilia amada
Toma o leme da não , marêa o panno ,
Vai-a salvar no porto.

Mas ouço já de Amor as sabias vozes!
 Elle me diz que soffra, senão morro;
 E perco então se morro huns doces laços.
 Não quero já, Marilia, mais soccorro,
 Oh ditoso soffrer, que lucrar póde,
 A gloria dos teus braços.



L Y R A VI.

DE que te queixas,
 Lingoa importuna?
 De que a Fortuna
 Roubar-te queira,
 O que te deu?
 Este foi sempre
 O genio seu.

Levou, Marilia,
A impia sorte
Catoens á morte;
Nem sepultura
Lhes concedeu.
Este foi sempre
O genio seu

A outros muitos,
Que vís nascêrão,
Nem merecêrão,
A grandes thronos
A impia ergueu.
Este foi sempre
O genio seu.

Espalha a cega
Sobre os humanos
Os bens , e os damnos ;
E a quem se devão
Nunca escolheu.

Este foi sempre
O genio seu.

A quanto he justo ,
Já mais se dobra ;
Nem igual obra
C'os mesmos Deoses
Do cláro Ceo.

Este foi sempre
O genio seu.

Sóbe ao Ceo Venus
N'hum carro ufano;
E cahe Vulcano,
Da pura esfera,
Em que nasceu.

Este foi sempre
O genio seu.

Mas não me rouba,
Bem que se mude,
Honra, e virtude:
Que o mais he della,
Mas isto he meu.

Este foi sempre
O genio seu,



L Y R A VII.

MEU prezado Glauceste ,
Se fazes o conceito ,
Que bem que réo abrigo
A candida Virtude no meu peito.
Se julgas , digo , que mereço ainda
Da tua mão soccorro ;
Ah ! vem dar-m'o agora ,
Agora sim que morro.

Não quero que montado
No Pegaso feroso ,
Venhas com dura lança
monstro infame traspasar raivoso.
E que viva a perfida calúnia ,
E forge o meu tormento :
Com menos , meu Glauceste ,
Com menos me contento.

Toma a lyra doirada ,
E toca hum pouco nella :
Levanta a vóz celeste
Em parte que te escuté a minha bella ;
Enche todo o contorno de alegria ;
Não soffras , que o desgosto
Affogue em pranto amargo
O seu divino rosto.

Eu sei , eu sei , Glauceste ,
Que hum bom Cantor havia ,
Que os brutos amansava ;
Que os troncos , e os penedos attrahia.
De outro destro Cantor tambem affirma
A sábia Antiguidade ,
Que as muralhas erguera
De huma grande Cidade.

Orfeo as cordas fere;
O som delgado, e terno
Ao Rei Plutão abranda,
E o deixa que penetre o fundo Averno.
Ah, tu a nenhum cedes, meu Glauceste,
Na lyra, e mais no canto:
Podes fazer prodigios;
Obrar ou mais, ou tanto.

Levanta pois as vozes:
Que mais, que mais esperas?
Consola hum peito afflito;
Que he menos inda, que domar as feras.
Com isto me darás no meu tormento
Hum doce lenitivo,
Que em quanto a bella vive,
Tambem, Glauceste, vivo.



L Y R A XVI.

EU vejo , ó minha bella , aquelle Numen ,
 A quem o nome derão de Fortuna ;
 Pega-me pelo braço ,
 E com voz importuna
 Me diz que mova o passo ;
 Que entre no grande Templo, em que se encerra
 Quanto o destino manda ,
 Que ella obre sobre a terra.

Que coizas portentosas nelle encontro !
 Eu vejo a pobre fundação de Roma ,
 Vejo-a queimar Carthago ;
 Vejo que as gentes doma ;
 E vejo o seu estrago.
 Lá florece o poder do Assyrio Povo :
 Aqui os Medos crescem
 E os perde hum braço noyo.

Então me diz a Deosa: *E que pertendes?*
Todas estas Medalhas vêr agora?

Ah! não, não sejas louco!

Espaço de annos fôra

Para isso ainda pouco.

Deixa estranhos successos; vem comigo,

Verás quanto inda deve

Acontecer contigo.

Levou-me a onde estava a minha historia,
Que toda me explicou com medo, e arte.

Tirei-te libras de oiro,

Me diz, e quero dar-te

Todo a quelle thesoiro.

Não suspira por bens hum peito nobre;

Sevêro lhe respondo.

Vivo affeito a ser pobre.

Aqui me enruga a Deosa irada a testa,
E fica sem fallar hum breve espaço.

*Alegra , alegre o rosto ,
Prosegue , ali te faço
Restituir o posto.*

Respondo com ar de mofa , e tom sereno
*Conheço-te , Fortuna ,
Posso morrer pequeno.*

Ami te dou , me diz , a tua amada.

E não me banho todo de alegria

*Cuidei , me torna a cega ,
Que essa alma não queria
Nem esta mesma entrega.*

*He esse o bem , respondo , que me move ;
Mas este bem he santo ,
Vem só da mão de Jove.*

Queria mais fallar ; eu insofrido
 Desta maneira rompo os seus accentos :

Basta , Fortuna , basta ;

Estes breves momentos

Lá noutras coizas gasta ;

Da minha sorte nada mais contemplo.

E chamando Marilia

Suspiro , e deixo o Templo.



L Y R A IX.

A Estas horas
 Eu procurava
 Os meus Amores ;
 Tiuhão-me inveja
 Os mais Pastores:

A porta abria ,
Inda esfregando
Os olhos bellos ,
Sem flor , nem fitta
Nos seus cabellos :

Ah ! que assim mesmo
Sem compostura ,
He mais formosa ,
Que a estrella d' alva ,
E a fresca rosa .

Mal eu a via ,
Hum ar mais leve ,
(Que doce effeito !)
Já respirava
Meu terno peito .

Do cerco apenas
Soltava o gado,
Eu lhe amimava
Aquella ovelha
Que mais amava.

Dava-lhe sempre
No rio, e fonte,
No prado, e selva,
Agoa mais clara,
Mais branda relva.

No cóllo a punha,
Então brincando
A mim a unia;
Mil coizas ternas
Aqui dizia.

Marilia vendo
Que eu só com ella
He que fallava;
Ria-se a furto,
E disfarçava.

Desta maneira
Nos castos peitos,
De dia, em dia
A nossa chamma
Mais se accendia.

Ah! quantas vezes
No chão sentado,
Eu lhe lavrava
As finas rócas,
Em que fiava?

Da mesma sorte
Que á sua amada ,
Que está no ninho ,
Fronteiro canta
O passarinho.

Na quente sésta,
Della defronte ,
Eu me entretinha
Movendo o ferro
Da sanfoninha.

Ella por dar-me
De ouvir o gosto ,
Mais se chegava :
Então vaidoso
Assim cantava.

Não ha Pastora ,
Que chegar possa
A' minha bella ;
Nem quem me iguale
Tambem na estrella :

Se Amor concede
Que eu me recline
No branco peito ,
Eu não invejo
De Jove o leito :

Ornãõ seu peito
As sãs virtudes ,
Que nos namorãõ ;
No seu semblante
As Graças morãõ.

Assim vivia:
 Hoje em suspiros
 O canto mudo:
 Assim, Marília,
 Se acaba tudo.



L Y R A X.

ARDE o velho barril, arde a cabeça,
 Em honra de João na larga rua;
 O credulo Mortal agora indaga,
 Qual seja a sorte sua?

Eu não tenho alcaxofra, que á luz chegue
 E nella orvalhe o Ceo de madrugada,
 Para ver se rebentão novas folhas,
 Aonde foi queimada.

Tambem não tenho hum ovo, que despeje
Dentro de hum copo d'agua, e possa nella
Fingir Palacios grandes, altas Torres,
E huma Não á véla.

Mas, ah! embem me lembre: eu tenho ouvido
Que na boca hum bochecho d'agoa tome,
E atráz de qualquer porta attento esteja,
Até ouvir hum nome.

Que o nome, que primeiro ouvir, he esse
O nome, que ha de ter a minha amada:
Pode verdade ser, se fôr mentira,
Tambem não custa nada.

Vou tudo executar, e de repente
Ouvi dizer o nome de Filena:
Despejo logo a boca: ah! não sei como
Não morro alli de pena!

Apparece Cupido: então soltando
Em ar de zombaria huma risada.
E que tal, me pergunta, esteve a peça?
 Não foi bem pregada?

Eu já te disse, que Marília he tua:
Tu fazes do meu dito tanta conta,
Que vas acreditar, o que te ensina
 Velha mulher já tonta.
Humilde lhe respondo: quem debaixo
Do açoite da Fortuna afflito geme,
Nas mesmas coisas, que só são brinquedos,
 Se agoirão males, teme.



L Y R A X I.

SE acaso não estou no fundo Averno
 Padece, ó minha bella, sim padece
 O peito amante, e terno,
 As affeições tyrannas, que aos Precitos
 Arbîtra Rhadamantho em justa pena
 Dos barbaros delictos.

As Furias infernaes, rangendo os dentes
 Com a mão descarnada não me applicão
 As raiyosas serpentes.

Mas cercão-me outros monstros mais irados:
 Mordem-me sem cessar as bravas serpes
 De mil, e mil cuidados.

Eu não gasto , Marilia , a vida toda
Em lançar o penedo da montanha ;
 Ou em mover a roda.

Mas tenho ainda mais cruel tormento :
Por coisas que me affligem , roda , e gyra
 Cançado pensamento.

Com retorcidas unhas agarrado
A's tepidas entranhas não me come
 Hum abutre esfaimado.

Mas sinto de outro monstro a crueldade ;
Devora o coração , que mal palpita ,
 O abutre da saudade.

Não vejo os pomos , nem as aguas vejo ,
Que de mim se retirão , quando busco
 Fartar o meu desejo ;

Mas quer , Marilia , o meu destino ingrato ,
Que lograr-te não possa , estando vendo
 Nesta alma o teu retrato.

Estou no Inferno, estou, Marília bella;

E n' huma coisa só he mais humana

A minha dura estrella:

Huns não podem mover do Inferno os passos:

Eu pertendo vôar, e vôar cedo

A' gloria dos teus braços.



L Y R A XII.

Ah, Marilia, que tormento
Não tens de sentir saudosa!
Não podem ver os teus olhos
A campina deleitosa,
Nem a tua mesma Aldea,
Que tyrannos não proponhão
A' inda inquieta idéa
Huma imagem de afflicção.
Mandarás aos surdos Deoses
Novos suspiros em vão.

Quando levares, Marília, ^{ngi 1817}
Teu ledo rebanho ao prado
Tu dirás: aqui trazia
Dirceo tambem o seu gado.
Verás os sitios ditosos
Onde, Marília, te dava
Doces beijos amorosos
Nos dedos da branca mão.
Mandarás aos surdos Deoses
Novos suspiros em vão.

Quando á janella sahires
Sem querereres, descuidada
Tu verás, Marília, a minha
A minha pobre morada.
Tu dirás então contigo:
Alli Dirceo esperava
Para me levar comsigo:
E alli soffreo a prisão.
Mandarás aos surdos Deoses
Novos suspiros em vão.

Quando vires igualmente
 Do caro Glauceste a choça,
 Onde alegres se juntavão
 Os poucos da escolha nossa,
 Pondo os olhos na varanda
 Tu dirás, de mágoa chea:
 Todo o congresso alli anda,
 Só o meu Amado não.

Mandarás aos surdos Deoses
 Novos suspiros em vão.

Quando passar pela rua
 O meu companheiro honrado,
 Sem que me vejas com elle
 Caminhar emparelhado,
 Tu dirás: não foi tyranna
 Sómente comigo a sorte;
 Tambem cortou deshumana
 A mais fiel união.

Mandarás aos surdos Deoses
 Novos suspiros em vão.

N'uma masmorra mettido
Eu não vejo imagens destas,
Imagens, que são por certo
A quem adora funestas.
Mas se existem separadas
Dos inchados róxos olhos,
Estão, que he mais, retratadas
No fundo do coração.

Tambem mando aos surdos Deoses
Tristes suspiros em vão.

L Y R A XIII.

VES, Marilia, hum cordeiro
De flores enraimado,
Como alegre caminha
A ser sacrificado?

O Povo para o Templo já concorre:
A Pyra sacro-santa já se accende:
O Ministro o fere, elle bala, e morre.

Ves agora o novillo,
A quem segura o laço:
No chão as mãos espedaça:
Nem quer mover hum passo:
Não conhece que sahe de hum máo terreno
Que o fortê pulso, que a seguir o arrasta,
O conduz a viver n'um campo ameno.

Ignora o bruto , como
Lhe dispomos a sorte :
Hum vai forçado á vida ,
Vai outro alegre á morte ,
Nós temos , minha bella , igual demencia :
Não sabemos os fins , com que nos move
A sábia , occulta Mão da Providencia.

De Jacob ao bom filho
Os máos matar quizerão :
De conselho mudárão ,
Como escravo o venderão :
José não corre a ser hum servo afflito ;
Vai subindo os degráos , por onde chega
A ser hum quasi Rei no grande Egypto.

Quem sabe se o Destino
 Hoje , ó bella , me prende ,
 Só porque nisto de outros
 Mais damnos me defende ?

Póde inda raiar hum claro dia.
 Mas quer raie , quer não , ao Ceo adoro ;
 E beijo a santa mão , que assim me guia.

L Y R A XIV.

Alma digna de mil Avós Augustos!
 Tu sentes , tu soluças
 Ao ver cahir os justos ;
 Honras as santas leis da Humanidade:
 E aos teus exemplos deve
 Gravar com letras de oiro no seu Templo
 A candida Amizade.

Não he , não he de Heróe huma alma forte ;
Que vê com rosto enchuto
No seu igual a morte.
Não he tambem de Heróe hum peito duro ,
Que a sua gloria firma ,
Em que lhe não resiste ao ferro , e fogo ,
Nem legião , nem muro.

Oh ! quanto ousado Chefe me namora ,
Quando vê a cabeça
Do bom Pompeo , e chora !
He grande para mim , quem move os passos ,
E de Dario aos filhos ,
Que como escravos seus tratar podéra ,
Recebe nos seus braços.

Se alcança Eneas, Capitão piedoso,
Entre os Heróes do Mundo
Hum nome glorioso,
Não he, porque levanta huma cidade;
He sim, porque nos hombros
Salvou do incendio ao Pai a quem detinha
A mão da branca idade.

Ah! se ao meu contrario entre as chãmas vira,
Eu mssmo, sim, da morte
Aos hombros o remira:
Inda por elle muito mais obrára:
E se nada servisse,
Fizera então, Amigo, o que fizeste,
Gemerá, e suspirara.

Oh! quanto são duraveis as cadêas
De huma amizade, quando
Se dão iguaes idéas!

Se a pezar dos estorvos se sustinha
Nossa união sincera,

Foi por ser a minha alma igual á tua,
E a tua igual á minha.

Se, ó caro Amigo, te merece tanto,
Lá lhe fica a sua alma,
Limpa-lhe o terno pranto.

De quem eu fallo, és tu, Marilia bella.

Ah! sim, honrado Amigo,

Se enxugar não poderes os seus olhos;
Prantêa então com ella.

LYRA XV,

Eu, Marilia, não fui nenhum Vaqueiro;
 Fui honrado Pastor da tua Aldêa;
 Vestia finas lãns, e tinha sempre
 A minha chóça do preciso chêa.
 Tirarão-me o casal, e o manso gado,
 Nem tenho a que me encoste hum só cajado.

Para ter, que te dar, he que eu queria
 De mór rebanho ainda ser o dono;
 Prezava o teu semblante, os teus cabellos
 Ainda muito mais que hum grande Throno.
 Agora que te offerte já não vejo
 Além de hum puro amor, de hum são desejo.

Se o rio levantado me causava
Levando a sementeira prejuizo,
Eu alegre ficava apenas via
Na tua breve boca hum ar de riso,
Tudo agora perdi; nem tenho o gosto
De ver-te ao menos compassivo o rosto.

Propunha-me dormir no teu regaço
As quentes horas da comprida sésta,
Escrever teus louvores nos olmeiros,
Toucar-te de papoilas na floresta.
Julgou o justo Ceo, que não convinha
Que a tanto gráo subisse a gloria minha.

Ah, minha bella, se a Fortuna volta,
Se o bem que já perdi alcanço, e provo;
Por essas brancas mãos, por essas faces
Te juro renascer hum homem novo;
Romper a nuvem que os meus olhos cerra,
Amar no Ceo a Jove, e ati na terra.

Fiadas comprarei as ovelhinhas ,
Que pagarei dos poucos do meu ganho ;
E dentro em pouco tempo nos veremos
Senhores outra vez de hum bom rebanho.
Para o contagio lhe não dar sobeja
Que as affague Marilia , ou só que as veja.

Se não tivermos lans , e pelles finas ,
Podem mui bem cobrir as carnes nossas
As pelles dos cordeiros mal cortidas ,
E os pannos feitos com as lans mais grossas.
Mas ao menos será o teu vestido
Por mãos de Amor , por minhas mãos cozido.

Nós iremos pescar na quente sésta
Cóm canas , e com cêstos os pexinhos :
Nós iremos caçar nas manhãs frias
Com a vara envisgada os passarinhos.
Para nos divertir faremos quanto
Reputa o varão sabio , honesto , e santo.

Nas noites de serão nos sentaremos *
C' os filhos se os tivermos á fogueira ;
Entre as falsas historias , que contares ,
Lhes contarás a minha verdadeira :
Pasmados te ouviráõ ; eu entre tanto
Ainda o rosto banharei de pranto.

Quando passarmos juntos pela rua
Nos mostraráõ c' o dedo os mais Pastores ,
Dizendo huns para os outros : olha os nossos
Exemplos da desgraça , e são's amores.
Contentes viviremos desta sorte ,
Até que chegue a hum dos dois a morte.



L Y R A XVI.

V Ejo , Marília ,
 Que o nédio gado
 Anda disperso
 No monte , e prado ;
 Quê assim succede
 Ao desgraçado ,
 Que a perder chega
 O seu Pastor.
 Mas inda soffro
 A viva dôr.

Tambem conheço,
Que os Pegureiros,
Que apascentavão
Os meus cordeiros,
Derão suspiros
E verdadeiros;
Porque perdêrão
Hum pai no amor.
Mas inda soffro
A viva , dôr.

Eu mais alcanço,
Que a minha herdade,
Estando eu prezo,
Soffrer não ha-de
Nem a charrua,
E nem a grade;
Que a mão lhe falta
Do Lavrador.
Mas inda soffro
A viva dôr.

Mas quando sobe
A' minha idéa,
Que tu ficaste
Lá nessa Aldêa.
De mil cuidados
E mágoa cheia ;
Das paixões minhas
Não sou senhor.
Eu já não soffro
A viva dôr.

A quanto chega
A pena forte !
Peza-me a vida,
Desejo a morte,
A Jove accuso,
Maldigo a sorte,
Trato a Cupido
Por hum traidor.
Eu ja não soffro
A viva dôr,

Mas

Mas este excesso
Perdão merece,
E elle Jove
Se compadece;
Que Jove, ó bella,
Mui bem conhece,
Aonde chega
Paixão de amor.
Eu já não soffro
A viva dôr.

L Y R A XVII.

Dirceo te deixa, ó bella,
De padecer cançado;
Frio suor já banha
Seu rosto descórado;
O sangue já não gyra pela vêa,
Seus pulsos já não batem;
E a clara luz dos olhos se bacêa:
A lagrima sentida já lhe corre;
Já para a convulsão, suspira, e morre.

Seu espirito chega

Onde se pune o erro:

Late o cão, e se lhe abrem

Grossos portões de ferro.

Aos severos Juizes se apprezenta,

E com sentidas vozes

Toda a sua tragédia representa:

Enche-se de ternura, e novo espanto

O mesmo inexoravel Rhadamantho.

Abre hum pasmado a boca,

E a pedra não despede;

Outro já não se lembra

Da fome, e mais da sede:

Descança o curvo bico, e a garra impia

Negro abutre esfaimado:

Nem a roca medonha a Parca fia,

Até as mesmas Furias inclementes

Deixão cahir das unhas as serpentes.

Já votão os Juizes;
E o Rei Plutão lhe ordena
Deixe o sitio, em que ficão
Almas dignas de pena.

Já sahe do escuro Reino, e da memoria
Lhe passa tudo quanto

Ou pôde dar-lhe mágoa, ou dar-lhe gloria.
Só, bem que o gosto ás turva, agoas tome,
Inda, Marilia, inda diz teu nome.

Entra já nos Elyfios
Campinas venturosas,
Que mansos rios cortão,
Que cobrem sempre as rosas.

Escuta o canto das sonoras aves,
E bebe as agoas puras,

Que o mel, e de que o leite mais suaves.
Aqui, diz elle, espero a minha bella,
Aqui contente viverei com ella.

Aqui... porém aonde

Me leva a dôr activa?

De illusão desta alma.

Jove inda quer que eu viva.

Eu devo sim gosar teus doces laços;

E em paga dos meus males

Devo morrer, Marilia, nos teus braços.

Então eu passarei ao Reino amigo;

E tu irás depois lá ter comigo.



L Y R A XVIII.

Não mólho, Marília
De pranto a masmorra
Que o terno Cupido
Nao vde, e não corra,
A hilo apanhar.
Estende o nas azas
Sobre elle suspira,
Por fim se retira,
E vai to levar.

Se o moço não mente,
Com tristes gemidos,
Aos ais lastimosos
Não guardes unidos,
Marília, c' os teus:
As lagrimas nossas
No seio amontôa
Fórma azas, e vôa,
Vai pô-las nos Ceos.

A Deosa formosa,
Que amava aos Troianos,
Livra-los querendo
De riscos, e damnos
A Jove buscou.
As aguas, que o rosto
Da Deosa banharão
A Jove abrandarão,
E assim os salvou.

Confia-te, ó bella,
Confia-te em Jove;
Ainda se abrandá,
Ainda se move
Com ancias de amor.
O pranto de Venus,
Que obrou no Pai tanto,
Não tem que o teu pranto
Apreço maior.



L Y R A XIX.

Nesta triste masmorra,
 De hum semivivo corpo sepultura,
 Inda, Marilia, adoro
 A tua formosura.
 Amor na minha idéa te retrata,
 Busca extremo, que eu assim resista
 A' dôr immensa, que me cerca, e mata.

Quando em meu mal pondero,
 Então mais vivamente te diviso:
 Vejo o teu rosto, e escuto
 A tua voz, e riso.
 Movo ligeiro para o vulto os passos:
 Eu beijo a tibia luz em vez de fac^e;
 E aperto sobre o peito em vão os braços.

Conheço a illusão minha ;
 A violencia da mágoa não supporto ;
 Foge-me a vista, é caio
 Não sei se vivo, ou morto.

Enternece-se Amor de estrago tanto :
 Reclina-me no peito, e com mão terna
 Me limpa os olhos do salgado pranto.

Depois que represento
 Por largo espaço a imagem de hum defunto,
 Movo os membros, suspiro,
 E onde estou pergunto.
 Conheço então que Amor me tem consigo,
 Ergo a cabeça, que inda mal sustento,
 E com doente voz assim lhe diga.

Se queres ser piedoso ,
 Procura o fitio em que Marília móra ,
 Pinta-lhe o meu estrago ,
 E vê , Amor , se chora.
 Se a lagrimas verter a dôr a arrasta ,
 Huma dellas metraze sobre as penas ,
 E para allivio meu só isto basta.



LYRA XX.

SE me visses com teus olhos
 Nesta masmorra mettido ;
 De mil ideas funestas ,
 E cuidados combatido :
 Qual seria , ó minha bella ,
 Qual seria o teu pezar ?

A' força da dôr cedêra ;
É nem estaria vivo ,
Se o menino Deos vendado ,
Extremoso , e compassivo ,
Com o nome de Marilia
Não me viesse animar.

Deixo a cama ao romper d' a lua ;
O meio dia tem dado ,
E o cabelo inda flutua
Pelas costas desgrenhado.
Não tenho valor , não tenho ;
Nem para de mim cuidar.

Diz-me Cupido : E Marilia ;
Não estima esse cabelo ?
Se o deixas perder de todo
Não se ha de enfadar ao vêllo ?
Suspiro , pego no pente ,
Vou logo o cabelo atar.

Vem hum taboleiro entrando
De varios manjares cheio,
Põe-se na meza a toalha,
E en pensativo passeio:
De todo o comer esfria,
Sem nelle poder tocar.

Eu entendo que matar-te,
Diz Amor, te tens proposto;
Fazes bem: terá Marilia
Desgosto sobre desgosto.
Qual enfermo c'o remedio
Me affiijo, mas vou jantar.

Chegão as horas Marilia,
Em que o Sol já se tem posto,
Vem-me á memoria que nellas
Via á janella o teu rosto:
Reclino na mão a face,
E entro de novo a chorar.

Diz-me Cupido: Já basta,
Já basta, Dirceo, de pranto;
Em obsequio de Marília
Vai erguer teu doce canto.
Pendem as fontes dos olhos,
Mas eu sempre vou cantar.

Vem o Forçado accender-me
A velha çuja candêa;
Fica, Marília, a masmorra
Inda mais triste, e mais fêa.
Nem mais canto, nem mais posso
Huma só palavra dar.

Diz-me Cupido: São horas
De escrever-se o que está feito;
Do azeite, e da fumaça
Huma nova tinta ageito,
Tomo o pão, que penna finge,
Vou as Lyras copiar.

Sem que chegue o leve sono
Canta o Gallo a vez terceira;
Eu digo ao Amor; que fico
Sem deitar-me a noite inteira:
Faço mimos, e promessas
Para elle me acompanhar.

Elle diz que em dormir cuide,
Que hei-de ver Marilia em sonho;
Não respondo huma palavra,
A dura cama componho,
Apago a triste candêa,
E vou-me logo deitar.

Como póde a taes cuidados
Rifistir, ó minha Bella,
Quem não tem de Amor a graça?
Se eu que vivo á sombra della
Lada vivo desta sorte,
Sempre triste a suspirar?



L Y R A XXI.

Que diversas que são, Marilia, as horas
 Que passo na masmorra immunda, e fêa,
 Dessas horas felizes, já passadas
 Na tua patria Aldêa.

Então eu me ajuntava com Glauceste;
 E á sombra de alto Cédro na Campina
 Eu versos te compunha, e elle os compunha
 A' sua cara Eulina.

Cada qual o seu canto aos Astros leva;
 De exceder hum ao outro qualquer trata
 O ecco agora diz: *Marilia terna*;
 E logo: *Eulina ingrata*.

Deixão os mesmos Sátyros as grutas:
Hum para nós ligeiro move os passos;
Ouve nos de mais perto, e faz a flauta
C'os pés em mil pedaços.

Dirceo(clama hum pastor,) ah! bem merece
Da ternissima Marilia a formosura.
E aonde, clama o outro, quer Eulina
Achar maior ventura?

Nenhum Pastor cuidava do rebanho,
Em quanto em nós durava esta porfia.
E ella, ó minha amada, só findava
Depois de acabar-se o dia.

A' noite te escrevia na cabana
Os versos, que de tarde havia feito;
Mal tos dava, e os lias, os guardavas
No casto, e branco peito.

Bejando os dedos dessa mão formosa,
Banhados com as lagrimas do gosto,
Jurava não cantar mais outras graças
Que as graças do teu rosto.

Ainda não quebrei o juramento.
Eu agora, Marília, não as canto;
Mas ainda vale mais que os doces versos
A voz do triste pranto.



L Y R A XXII.

P Or morto, Marilia,
Aqui me reputo:
Mil vezes escuto
O som do arrastado,
E duro grilhão.
Mas, ah! que não treme;
Não treme de susto
O meu coração.

A chave lá sôa
Na porta segura:
Abre-se a escura,
Infame masmorra
Da minha prizão.
Mas, ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu coração.

Eu vejo, Marília,
A mil innocentes
Nas Cruzes pendentas,
Por falsos delictos,
Que os homens lhes dão.
Mas, ah! que não treme,
Não treme de susto
O meu caracaõ.

Se só que posso
Perder o gozar-te,
A gloria de dar-te,
Abraços honestos,
E beijos na mão.
Marilia, já treme,
Já treme de susto
O meu coração.

Repára, Marilia,
O quanto he mais forte
Ainda que a morte,
N'um peito esferçado
De amor a paixão.
Marilia, já treme,
Já treme de susto
O meu coração.



L Y R A XXIII.

N ão praguejes, Marilia, ão praguejes
 A justiceira mão que lança os ferros:
 ão traz de balde a vingadora espada,
 Deve punir os erros.

Virtudes de Juiz, virtudes de homem
 As mãos se derão, e em seu peito moraõ.
 Manda prender ao Réo austeramente a boca,
 Porém seus olhos choraõ.

Se á innocencia denigre a vil callumnia
 Que culpa aquelle tem que applica a penna?
 ão he o Julgador, he o processo,
 E a lei quem nos condemna.

Só no Averno os Juizes não recebem
Accusação, nem prova de outro humano.
Aqui todos confessão suas culpas,
Não póde haver engano.

Eu vejo as Furias affligindo aos tristes:
Huana o fogo chega, outra as serpes move;
Todos maldizem sim a sua estrella,
Nenhum accusa a Jove.

Eu tambem inda adoro ao grande Chefe,
Bem que a prizão me dá que eu não mereço.
Qual eu sou, minha bella, não me trata,
Trata-me qual pareço.

Quem suspira, Marilia, quando pune
Ao vassallo que julga delinquente;
Que gosto não terá podendo dar-lhe
As honras de innocente?



L Y R A XXIV.

EU vou, Marilia, vou brigar co' as feras:
Huma soltáraõ, eu lhe finto os passos,
Aqui aqui a espero
Nestes despidos braços.
He hum malhado tigre; a mim já corre,
Ao peito o aperto, estalaõ-lhe as costelas',
Desfallece, cahe, urra, treme, e morre.

Vem agora hum Leão: sacode a grenha,
Com fiaminta paixaõ a mim se lança;
Venha embora, que o pulso
Ainda não se cança.

Opprimo-lhe a garganta, a lingua estira,
O corpo lhe fraquêa, os olhos inchaõ,
Açoita o chaõ convulso, arqueja, e espira,

Mas que vejo, Marilia! tu te assustas?
Entendes que os destinos inhumanos
Expoem a minha vida
No cêrco dos Romanos?

Com urso, e com onças eu não luto.
Luto c'o bravo monstro que me accusa;
Que os tigres, e leões mais féro, e bruto.

Embora contra mim raivoso esgrima
Da vil calúnia a cortadora espada ;
Huma alma , qual eu tenho ,
Não se recêa a nada.

Eu hei-de , fim , punir-lhe a insolencia ,
Pizar-lhe o negro cóllo , abrir-lhe o peito
Co' as armas invenciveis da innocencia.

Ah , quando imaginar , que vingativo
Mando que desça ao Tartaro profundo
Hei-de com mão honrada
Erguer-lhe o corpo immundo.

Eu então lhe direi : Infame , indíno ,
Obras como costuma o vil humano ;
Faço o que faz hum coração divino.



LYRA XXV.

MInha Marilia,
O passarinho,
A quem roubarão
Ovos, e ninho,
Mil vezes pousa
No seu raminho,
Piando finge
Que anda a chorar.
 Mas logo vòa
Pela espessura,
Nem mais procura
Este lugar.

Se acaso a vacca
Perde a vitéla,
Tambem nos mostra,
Que se desvéla;
O pasto deixa,
Muge por ella,
Até na estrada
A vem buscar.

Em poucos dias,
Ao que parece,
Della se esquece,
E vai pastar.

O voraz Tempo ,
Que o ferro come ,
Que aos mesmos Reinos
Devora o nome ,
Tambem , Marilia ,
Tambem consome
Dentro do peito
Qualquer pezar.

Ah só não póde
Ao meu tormento
Por hum momento
Allivio dar.

Tambem ó bella ,
Não ha quem viva
Instantes breves
Na chama activa ;
Derrete ao bronze
Sendo excessiva
Ao mesmo seixo
Faz estalar.

 Mas do amianto
A fêbra dura
Na chamma atura
Sem se queimar.

Tambem, Marilia,
Não ha quem negue,
Que bem que o fogo
Nos oleos pegue,
Que bem que em lingoas
A's nuvens chegue,
A' força d' agoa
Se ha de apagar.

Se a negra pedra
Nós accendemos,
Com agoa a vemos
Mais s' inflamar.

O meu discurso ,
Marilia , he recto :
A pena iguala
Ao meu affecto.

O amor que nutro
Ao teu aspecto ,
E ao teu semblante
He singular.

Ah ! nem o tempo ,
Nem inda a morte
A dôr tão forte
Póde acabar.



L Y R A X V I.

A Quelle , a quem fêz cégo a Natureza ,
C' o bordão apalpa , e aos que vem pergunta ;
Ainda se despenha muitas vezes ,
E dois remedios junta.

De ser céga a Fortuna eu não me queixo ;
Sim me queixo de que má céga seja
Céga que nem pergunta , nem apalpa ,
He porque errar deseja.

A quem gastar não sabe , nem se anima ,
Entrega as grossas chaves de hum thesoiro ;
E lança na miseria a quem conhece
Para que serve o oiro.

A quem fere , a quem rouba , a infame deixa
Que a traz do vicio em liberdade corra ,
Eu honro as leis do Imperio , ella me opprime
N' esta vil masmorra.

Mas ah ! minha Marilia , que esta queixa
Co' a sólida razão se não coaduna ,
Como me queixo da Fortuna tanto ,
Se sei não ha Fortuna ?

Os Fados , os Destinos , essa Deosa
Que os Sábios fingem que huma roda move ,
He só a occulta mão da providencia ,
A sábia mão de Jove.

Nós he que somos cegos , que não vemos ;
A que fins nos conduz por estes modos ;
Por torcidas estradas , ruins varedas
Caminha ao bem de todos.

Alegre-se o perverso com as ditas;
C' o seu merecimento o virtuoso;
Parecer desgraçado, ó ninha bella,
He muito mais honroso.



L Y R A XXVII.

A Minha amada
He mais formosa
Que branco lyrio,
Dobrada rosa,
Que o cinnamomo,
Quando matiza
Co' a folha a flor.
Venus não chega
Ao meu Amor.

Vasta campina
De trigo chêa,
Quando na sésta
C'o vento ondêa,
Ao seu cabello
Quando flutua
Não he igual.
Tem a côr negra:
Mas quanto val!

Os astros, que andão
Na esfera pura,
Quando scintillão
Na noite escura,
Não são, humanos,
Tão lindos, como
Seus olhos são,
Que ao Sol excedem
Na luz que dão.

A's brancas faces,
Ah! não se atreve.
Jasmins de Italia,
Nem inda a neve,
Quando a desata
O Sol brilhante
Com seu calôr.
São neve, e causão
No peito ardor.

Na breve boca
Vejo enlaçadas
As finas per'las
Com as granadas;
A par dos beijos
Rubins da India
Tem preço vil.
Nelles se agarrão
Amores mil.

Se não lhe dêsse
Compadecido
Tanto soccorro
O Deos Cupido ;
Se não vivêra
Huma esperança
No peito seu ;
Já morto estava
O bom Dirceo.

Vê quanto pôde
Teu bello rosto ;
E de goza-lo
O vivo gosto !
Que sobmergido
Em hum tormento
Quasi infernal ;
Porqu' inda espero
Resisto ao mal.



L Y R A XVIII.

D Etê-te , vil humano
Não espremas cicutas
Para fazer-me dâmno.
O çumo que ellas dão he pouco forte ,
Procura outras bebidas ,
Que apressem mais a morte.

Desce ao Reino profundo ,
Ajunta ahi venenos ,
Que nunca visse o mundo ,
Trazo o negro licôr , que tem nos dentes ,
Nos dentes retorcidos
As raiyosas serpentes.

Cachopo levantado ,
Que pôz a Natureza
Dentro no Mar salgado ,
Não se abala no meio da tormenta ,
Bem que huma onda . e outra onda
Sobre elle em flor rebenta .

Arvore , que na terra
As robustas raizes ,
Buscando o centro , afferra ,
Não teme ao furacão mais violento ;
E menos se se deixa
Vergar do rijo vento .

Sou tronco , e rócha , ó bella ,
Que açoita o Sul que brama ,
E o Mar , que se encapella :
Não temas que do rosto a côr se mude :
Vence as róchas , e os troncos
A sólida Virtude.

A maior desventura
He sempre a que nos lança
No horror da sepultura :
O cobarde a morrer tambem caminha ;
Com que males não póde
Huma alma como a minha ?



L Y R A XXIX.

EU descubro procurar-me
Gentil mancebo, e loiro,
Trazia a testa adornada
Com folhas de verde loiro.
Vejo ser o Pai das Musas,
E me entrega a lyra d' oiro.

Já basta, me dlz, ó filho,
Já basta de sentimento;
O cançado peito exige
Hum breve contentamento.
Louva a formosa Marilia
Ao som do meu instrumento,

Firo as cordas; mas que importa?
A dôr não socega em tanto.
Ergo a yoz, então reparo
Que quanto mais corre o pranto,
He mais doce, e mais sonoro
Meu terno, e saudoso canto.

Apollo fitou os olhos
Na mão, que regia o braço;
E depois de estar suspenso
De me ouvir hum largo espaço,
Assim diz: o *Deos Cupido*
Faz inda mais do que eu faço.

Eu te dou a minha lyra,
Louva, louva a tua Bella;
Porém vê que ta concedo
Com condição, e cautella. . . .
Eu lhe corto a voz, dizendo,
Que só canto em honra della.



L Y R A X X X .

O pai das Musas ,
O Pastor loiro
Deo-me , Marilia ,
Para cantar-te
A lyra de oiro.

As cordas firo ,
O brando vento
Teus dotés leva
Nas brancas azas
Ao firmamento.

O teu cabelo
Vale hum thesoiro ;
Hum só me adorna
A sabia frente
Melhor que o loiro.

Nesses teus olhos
Amor assiste ;
Delles faz guerra ;
Ninguem lhe foge ,
Ninguem resiste.

Algumas vezes
Eu o diviso
Tão bem occulto
Nas lindas cóvas ,
Que faz teu riso.

Nesses teus peitos
Tem os seus ninhos
Destros Amores,
Nelles se gerão
Os Cupidinhos.

Vences a Venus,
Quando com arte
As armas toma,
Porque mais prenda
Ao fero Marte.

Eu produzia
Estas idéas,
Quando, Marilia,
O som escuto
Das vis codêas.

Dou hum suspiro,
 Corre o meu pranto;
 E inda bebendo
 Lagrimas tristes,
 De navo canto.

Sou da constancia
 Hum vivo exemplo.
 E vós, ó ferros,
 Honrareis inda
 De Amor o Templo.



LYRA X.

Roubou-me, ó minha Amada, a sorte impia,
 Quanto de meu gosava
 N'um só funesto dia.

Honras de maioral , manada grossa ,
Fertil , extensa herdade ,
Bem reparada chóça ,

Metteo-me nesta infame sepultura ,
Que he sepulcro sem honras ,
Breve masmorra , escura .

Aqui , ó minha Amada , nem consigo ,
Venha outro desgraçado
Sentir tambem comigo .

Mas se esta companhia não mereço ;
Os Deoses me dão outra ,
Inda de mais apreço .

Não he , não , illusão o que te digo ;
Tu mesma me acompanhas ;
Peno , mas he contigo

Não vejo as tuas faces graciosas
Os teus soltos cabellos
As tuas mãos mimosas.

Se eu as visse, infeliz me não dissera,
Bem que subira ao Potro
Bem que na Cruz pendêra.

Não ouço as tuas vozes magoadas
Com ardentes suspiros
A's vezes mal formadas.

Mas vejo, ó cara, as tuas letras bellas;
Huma por huma beijo,
E choro então sobre ellas.

Tu me dizes que siga o meu destino;
Que o teu amor na ausencia
Será leal, e fino.

De novo a carta ao coração aperto,
De novo a molha o pranto
Que de rernura verto.

Ah! leve muito embora o duro Fado,
A tudo quanto tenho
Com meu suor ganhado.

Eu juro, que do roubo nem me queixe,
Com tanto, ó minha cara,
Que este só bem me deixe.

Que males voluntarios não subirão,
Os que te amão, sómente
Porque menos te ouvirão?

Dê pois aos mais seus bens a Deosa cega;
Que eu tenho aquella gloria,
Que a mil felizes nega.



L Y R A XXXII.

SE o vasto mar se encapella,
E na rócha em flor rebenta,
Grossa náó, q' não tem léme,
Em vão sustentar-se intenta;
Aré que naufraga, e corre
A' discrição da tormenta.

Quem não tem huma Belleza,
Em que ponha o seu cuidado,
Se o Ceo se cobre de nuvens,
E se assopra o vento irado,
Não tem forças que resistão
Ao impulso do seu fado.

Nesta sombria masmorra,
Aonde, Marilia, vivo,
Encosto na mão o rosto,
Fico ás vezes pensativo.
Ah! que imagens tão funestas
Me finge o pezar activo.

Parece que vejo a honra,
Marilia, toda enlutada,
A face de hum pai rugosa,
N'um mar de pranto banhada,
Os amigos mascilentos,
E a familia consternada.

Quero voltar os meus olhos
Para outro lado,
Vejo n'uma grande Praça
Hum theatro levantado.
Vejo as Cruzes, vejo os Potros,
Vejo o Alfanje afiado.

Hum frio suor me cobre,
Lação-se os membros, suspiro,
Busco allivio ás minhas ancias,
Não o descubro, deliro.
Já, meu Bem, já me parece,
Que nas mãos da morte espiro.

Vem-me então ao pensamento
A tua testa nevada,
Os teus meigos, vivos olhos,
A tua face rosada,
Os teus dentes crystallinos
A tua boca engraçada.

Qual, Marilia, a estrella d'alva,
Que a negra noite affugenta,
Qual o Sol, que a nevoa espalha
Apenas a terra aquecta,
Ou qual Iris, que o Ceo limpa,
Quando se vê na tormenta.

Assim, Marilia, desterro
Triste illusão e demencia;
Faz de novo o seu officio,
A razão, e a prudencia;
E firmo esperanças doces
Sobre a candida innocencia.

Restauro as forças perdidas,
Sóbe a viva côr ao rosto;
Gyra o sangue pela vêa,
E bate o pulso composto.
Vê, Marilia, o quanto póde
Contra os meus males teu rosto.

F I M.

MARILIA
DE
DIRCEO.

PROLOGO.

SEm nos constituir-mos ingratos, não nos podiamos subtrahir á publicação desta Terceira Parte de MARILIA de DIRECTO. A acceitação com que o respeitavel Publico recebeu a Primeira, e Segunda Parte, exigia huma impreterivel correspondencia; por cujo motivo não nos quizemos poupar ao excessivo trabalho de recolher com a mais exacta legalidade os Versos, de que se compoem este Folheto, obtidos das mãos de alguns Curiosos, que por saberem avaliar o merecimento do teu Autor, com todo o cuidado os conservavão.

Poucos Poetas até o presente tem

cantado tão bem amor, e ternura, como o nosso: elle nos descreve a natureza em toda a sua energia; e com as mais sensíveis, e modesta côres nos pinta os effeitos de huma viva paixão. Aonde se encontrarão tantas bellezas, tanto mimo Poetico como na presente Collecção! Nós vemos dispersas por esta Obra a brandura dos *Matos*, a pureza dos *Quitás*, a sublimidade dos *Garções*; em fim a suavidade, e as mais graças, que em particular se admirão em cada hum dos mais celebrados Poetas, encontrámos, bem como em compendio, nos versos do nosso Poeta.

A prompta extracção de quasi dous mil exemplares da Primeira, e Segunda Parte destas Lyras em menos de seis mezes, he hum irrefragavel argumento, do que acabamos de dizer; apenas appareceu a Primeira Parte, de tal sorte foi recebida, dos que amão os encantos da Poesia, que nos vimos precisados a reimprimi-la,

para satisfazermos a quem no-la buscava ; motivos estes , que cooperarão para a publicação desta Terceira Parte , que não só pelo seu merecimento ; como por completar a Collecção , esperamos corra a mesma fortuna das outras ; ficando por este modo satisfeitos os senhores Curiosos , que este he só o interesse , que desejamos alcançar das despezas , e longos trabalhos , que tivemos em proporcionar-lhes a satisfação do seu gosto.



M A R I L I A
D E
D I R C E O.

L Y R A III.

COMO alegre vem nascendo
A serena madrugada!
Já d'aurora a luz dourada
Duvidosa vem raiando.
E tu descançando,
Marilia formosa,
Escutar não vens
Minha voz saudosa.

O suave rouxinol
Ja desampara o seu ninho;
E no torcido raminho
Namorado está cantando.

E tu descançando,
 Marilia formosa,
 Escutar não vens
 Minha voz saudosa.

O solícito pastor
 Lá sáe do pobre agasalho;
 E pelo rude trabalho
 O descanço vai deixando.
 E tu descançando,
 Marilia formosa,
 Escutar não vens
 Minha voz saudosa.

Ainda a luz matutina
 Com a noite s'equivocava;
 Já eu, ó Marilia, estava
 Pelo teu nome chamando.
 E tu descançando,
 Marilia formosa,
 Escutar não vens
 Minha voz saudosa.

Não penses que desgostoso,
 Queixas fórmo contr'Amor;
 Mil canções em teu louvor
 Brandamente estou cantando.

E tu descançando,
Marilia formosa,
Escutar não vens
Minha voz saudosa.

Canto ao som da minha Lyra
Tua rara perfeição,
Com que Amor doura o grilhão,
Que alegre vou arrastando.
E tu descançando,
Marilia formosa,
Escutar não vens
Minha voz saudosa.

Mas que sobresalto! eu vejo
No prado andar huma Estrella!
Ah! não, he Marilia bella,
Que para mim vem chegando.
Delicias deixando,
Marilia formosa,
Vem meiga escutar
Minha voz saudosa.



L Y R A II.

N'UMA escura gruta,
Funebre, e sombría,
Onde entrar não pôde
Esplendor do dia.

O Mago Sileno
Sózinho habitava;
E nella d'amor.
Mysterios sondava.

O terno Dirceo
A este sitio corre:
Dirceo, que d'amores
Por Marilia morre.

Eis que ao sitio chega
Que horrores exala
Desta sorte ao Mago,
Tremendo lhe falla:

*Oh ! tu grão Sileno,
Que á força d'encanto
Tornas em prazer
D'amantes o pranto.*

*Dize-me , se tanto
Poder em ti ha:
A minha Marilia
Constante será ?*

*Basta: diz o Mago ;
E sem se deter ,
Em hum livro pega ,
E se pôz a lêr.*

*Ossos serpentinos ,
Seccos , e mirrados ,
A arder logo poem
Feitos em bocados.*

*Eis que o fogo accende ,
Esparge no fumo
D'hervas venenosas
Pestifero çumo.*

*Tres vezes invoca
D'Erycina o nome ;
Em quanto a materia
O fogo consome.*

Apenas s'extingue,
Estrondó s'escuta;
Q' até de tenor
Estremece a gruta.

Em nuvem dourada
Amor apparece;
Que com mão mimosa
Huma coroa tece.

Escuta, Dirceo,
Amante feliz;
C'uma voz divina
Amor então diz:

Mais firme, que a rocha
Dos ventos soprada;
Marilia será
Por Dirceo amada.



LYRA III.

LEO-SE-ME em fim a sentença
Pela desgraça firmada;
Adeos, Marilia adorada,
Vil desterro vou soffrer.

Auzente de ti, Marilia,
Que farei? irei morrer.

Que vá para longes terras,
Intimarem-me eu ouvi;
E a pena que então senti,
Justos Ceos! não sei dizer.

Auzente de ti, Marilia
Que farei? irei morrer.

Mil penas estou sentindo
Dentro n'alma; e por negação
Me está dizendo a desgraça,
Auzente de ti, Marília,
Que farei? irei morrer.

Por deixar os patrios Lares,
Não me fere o sentimento;
Porém suspiro, e lamento
Por tão cedo te perder.
Auzente de ti, Marília,
Que farei? irei morrer.

Não são as horas que perco,
Quem motiva a minha dor;
Mas sim ver, que o meu amor
Este fim havia ter.
Auzente de ti, Marília,
Que farei? irei morrer,

A mão do fado invejoso
Vai quebrando em mil pedaços
Os doces, suaves laços,
Com q' amor nos quiz prender.
Auzente de ti, Marília,
Que farei? irei morrer.

Da desgraça a lei fatal
Póde de ti separar-me ;
Mas nunca d'alma tirar-me
A gloria de te querer.

Auzente de ti , Marilia ,
Hei de amar-te até morrer.



LYRA IV.

QUE vezes julga, que morre
Hum naufragante no mar;
E então a sorte o soccorre,
Levando-o a salvação!
Só eu na escura prizão,
Aonde morrendo vivo,
Não encontro lenitivo
Na minha dura afflicção.

Lutando com a pobreza,
Vive o mortal indigente;
Té que a próvida riqueza
O tira da precisão.

Só eu na escura prizão,
Aonde morrendo vivo,
Não encontro lenitivo
Na minha dura afflicção.

Combatendo o inimigo
Encontra o Soldado a sorte,
Q' o livra de todo o p'riço
Na mais arriscada acção.

Só eu na escura prizão,
Aonde morrendo vivo,
Não encontro lenitivo
Na minha dura afflicção.

Ao sôm do pezado ferro
Chora o triste degradado ;
Té que o livra do desterro
Huma poderosa mão.

Só eu na escura prizão,
Aonde morrendo vivo,
Não encontro lenitivo,
Na minha dura afflicção.

No carcere , ou no degredo ,
Na doença , ou na pobreza ,
Ou lá mais tarde , ou mais cedo
Todos tem consolação.

Tambem eu nesta prizão ,
Aonde morrendo vivo ,
He Marília o lenitivo
Na minha dura afflicção.



L Y R A V.

Fulgidas Estrellas
Logo s' amortecem ,
Tanto que apparecem
De Titan os raios.

Tambem se Marilia
Mostra a face pura ;
Toda a formosura
Padece desmaios.

Seu lindo rosto ,
Encantador
He doce paga
Do meu amor.



LYRA IV.

VAIDOSA a Fortuna
Da sua riqueza
D'amor escarnece
A triste pobreza.

Risonha o condnz
A seu Templo , aonde
Immensas riquezas
Dos mortaes esconde.

As portas do Templo
De fino Ouro são ;
E em rijos brilhantes
Cravadas estão.

Apenas que as vê
A Deoza potente ,
Qual o relampago ,
Se abrem de repente.

Da parte de dentro
Se vê tão sómente
Safiras , rubins ,
E o metal fulgente.

D'um lado em cofres
Que só d'ouro são ,
Coróas , e Sceptros
Fechados estão.

E para outro lado
Espadas , bastões ,
E corôas de louro
Estão aos montões.

Pelo chão sem nu'mro
Rólão diamantes
Pedras preciosas ,
Metaes rutilantes.

Em eburneo throno ,
Qual outro não ha ,
A Deoza s'assenta
Se no Templo está.

Em

Em fúlgidos vasos
Ante o seu altar ,
• Gomas Nabatheas
Ardem sem cessar.

A' Amor com vaidade
A Deoza mostrava
Toda esta riqueza ,
Que em seu Templo estava.
Depois com desdem ,
Surrindo lhe diz :
Então meu menino
Tu es tão feliz ?

O terno Cupido
Que de raiva estalla ;
A' Deoza voluvel
Desta sorte falla :
Se de ouro , nem pedras
Tu vês sou senhor ;
Tambem tenho bens
De maior valor.

Dizendo isto partem
Em vôo despedido
Ao Templo, onde amor
Se venéra em Gnido.

Agora verús

Lhe diz: *hum thesouro,*
Que val muito mais,
Que todo o teu Ouro.

Contente lhe mostra
Marilia engraçada,
De amantes dezejos
Em torno cercada.

Eisque a Deoza vê
Marilia formosa;
Confessa a victoria,
E foge raivosa.



L Y R A VII.

EM quanto o sordido aváro
No seu thesouro empregado,
Sem cessar conta o dinheiro
Com mil usuras ganhado:
Sem jámais descanso ter
Com o receio de o perder:

Em quanto no fragil vaso
Corta o Nauta o falso mar,
Para de longiquas terras
Os cabedaes transportar;
Artiscando nesta lida
Co' a riqueza a propria vida:

Em quanto audaz General
Com ataques, e sortidas
Manda á fria Libitina.
Com a sua tristes vidas;
Só para fazer distincto
O seu nome do sangue tinto:

Eu á margem deste rio
Onde o gado a pastar deito,
De Marilia a doce imagem
Conservo dentro em meu peito:
E ao som da suave Lyra
Canto idéas que amor me inspira.



L Y R A VIII.

HUM dia que o gado
No prado guardava ;
Amor me apparece
Com arco , e aljava.

No tronco mais verde
Que no prado ouvesse
Amor me mandou ,
Seu nome escrevesse.

Contente parti
Hum tronco buscar ,
Para nelle as ordens
Prompto executar.

No tronco d'um freixo
Que viçoso vi ;
Quiz gravar amor ,
Marilia escrevi.

Tanto que amor vê
O engano feliz ,
O nome beijando
Alegre me diz :

*Não temas Dirceo
Não mudes de côr ;
Nesse doce nome
Escreveste amor.*



L Y R A IX.

COMO correm brandamente
Da noite as horas sombrias!
Que manso murmúrio fazem
Deste rio as agoas frias.

A negra tristeza
Que o sitio produz
Minha alma conduz
A mil agonias.

As Opacas, grossas nuvens
Que do Sul correndo vão,
A furto deixão rajar
Da Lua o frôxo clarão.

A palida luz

Q' a medo apparece;

Ah! quanto entristece,

Esta solidão.

Noctivaga aves girão
Neste lugar pavoroso ;
E quanto he melancolico
O seu grasnido horroroso!
 Seu funebre Canto ,
 Correio d' afflicção ,
 Faz meu coração
 Mais triste , e saudoso.

Em busca de infeliz preza,
Huns com os outros topando,
Andão carnívoros lobos
Pelos montes ululando.

E se acaso pastão
Por estes arbustos,
Mil gélidos sustos
Me estão motivando.

Em fim quanto vejo, e sinto
Nesta triste solidão:
Tudo está reproduzindo
A mais horrida aflição.

Funebres horrores
Que causão espanto
Meu lugubre pranto
Promovendo estão.

Mas se Marilia agora
Neste horror apparecia;
Depressa a noite mudava
Mais brilhante do que o dia.
Seus olhos formosos,
Que mil prizões tecem;
Aonde apparecem
Tudo he alegria.



LYRA X.

A' BELLA Cyth'rea
Do rosto claro
Lagrimas correm
Por ter perdido
O filho caro.

Ternos soluços
D'alma nascidos
A Deoza exalla;
E aos ares sobem
Com mil gemidos.
Aos Ceos dirige
A marga queixa;
E contra o filho
Que ama, e não vê;
Assim se queixa:

Onde t' escondes?
Porque fugiste?
Sem te lembrares,
Venus ficava
Saudosa , e triste.
Sem ti Adonis
Feio parece ;
Marte sem ti
Doces encantos
Me não merece.

Vem a meus braços
Prenda querida ;
E sem demora
Vem a meu peito
Dar nova vida.

Debalde em Gnido
Ver-te pensei;
Em Chypre, e Paphos
Da mesma sorte
Em vão busquei.

Já que não ouves
O meu chamar
Ao mesmo Averno
Se p'ra lá foste
Te irei buscar.
Qual velóz seta
Que o ar sacode;
Venus partio
Buscando amor
Que achar não póde!

Corre em vão todo
Reino da morte;
Tê que por fim
Junto a Marilia
A guía a sorte.

No seu cabelo
Que tem cahido,
Alegre a Deoza
Encrontra amor
Nelle perdido.



L Y R A XI.

ERGASTULO cruento
Onde não entra a Aurora!
Pensas que a sombra tua
A vida me devora?

Não penses tal maldade,
Eu morro de saudade.

Se penses que os teus ferros
Horríveis, e pezados,
Me tem os rijos ossos
Com dores traspassados;
Não penses tal maldade,
Eu morro de saudade.

Se pensas que a tristeza
Desta masmorra escura,
Me leva por momentos
A' fria sepultura:
 Não penses tal maldade,
 Eu morro de saudade.

Se o álito que deitas
Tu julgas que me impesta;
Se pensas que a matar-me
Já pouco, ou nada resta:
 Não penses tal maldade,
 Eu morro de saudade.

Se a falta de alimento,
Se arrabalhosa lida,
Tu (pensas que me trãõ
As forças para a vida:
 Não penses tal maldade,
 Eu morro de saudade.

Se a pobre nudez minha
Tu julgas que me abate;
E cuidas que me vence
Tão rigido combate:
 Não penses tal maldade,
 Eu morro de saudade.

Se pensas que essas furias
Alectos , e Megéras ,
Me pôdem dentro d'alma
Tirar d'amor as véras :
 Não penses tal maldade ,
 Eu morro de saudade .

Se pensas que da sorte
O horrído governo
Me levã a cada passo
Ao tenebroso Averno :
 Não penses tal maldade ,
 Eu morro de saudade .

Já que até agora,
Horrido canto
Com turvo pranto
Soltei ao ar:
 Por ti Marília
 Vou suspirar.

Não são os ferros
Que me atormentão;
Nem mais augmentão
Este pezar.
 Por ti Marília
 Vou suspirar.

Tudo soffrera,
Nada sentíra;
Se aqui te víra
Neste lugar.

Por ti Marília
Vou suspirar.

Só com teus olhos,
Breves instantes,
Dias brilhantes
Me pódes dar.

Por ti Marília
Vou suspirar.

Quando discorro,
Que te não vejo,
Nem hum bocejo
Posso formar:
 Por ti Marilia
 Vou suspirar.

Vencerás tudo
Quanto me atterra;
Não temo guerra
Tendo-te a pár:
 Por ti Marilia
 Vou suspirar.

Estes trabalhos
Não me dão corte;
Conduz-me á morte
Não te gozar.
Por ti Marília
Vou suspirar.

Mas basta já de canto :
Ergástulo cruento !
Bem vês que não me aterra
Teu horrído tormento.
Acaba a humanidade
Nas garras da saudade.

Se aqui vier hum dia
Marilia linda, e bella,
A quem minha alma adora;
Lhe dize, que por ella
Acaba a humanidade
Nas garras da saudade.



L Y R A XII.

Fortuna, e Dirceo.

DE Cresso as riquezas
Te mostro, Dirceo,
Se deixas Marilia
Será tudo teu.
Serás grande senhor,
De nada val amor.

De marmor Marpezio ,
De Tectos dourados ,
Teus grandes palacios
Serão respeitados.

Serás grande senhor ,
De nada val amor.

Em aureas Berlindas ,
Por Urcos puxadas ,
Serás conduzido
Com armas gravadas.

Serás grande senhor ,
De nada val amor.

A pompa luzente
Da Corte brilhante
Dirceo por honrar-te
Terás todo o instante.
Serás grande senhor,
De nada val amor.

Se luxo quizeres
Terás luxo tanto ;
Que dê aos mais horas
D'inveja , e de pranto.
Serás grande senhor,
De nada val amor.

Trazer-te-ha nas palmas
A propria grandeza;
Que tudo he sublime,
Aonde ha riqueza.

Serás grande senhor,
De nada val amor.

Se Throno quizeres
Dar-te-hei alto Throno;
De terras, e Reinos,
Dirceo, serás dono.

Serás grande senhor,
De nada val amor.

Apenas deixares
Marilia formosa,
De tudo o que digo
Sem dúvida goza.
Serás grande senhor,
De nada val amor.

Dirceo.

Fortuna, que buscas
Com tantos poderes;
Com outros reparte
Teus grandes haveres.

Não quero ser senhor,
Mais rico sou d'amor.

A prata burnida
Por mão delicada
A frente tão branca
Não he comparada.

Não quero ser senhor,
Mais rico sou d'amor.

Quaes são as Safiras ,
Que breves instantes
Lhe deixem sem lustre
Seus olhos brilhantes.

Não quero ser senhor ,
Mais rico sou d'amor.

As rozas mais rubras ,
A côr da Açucena ,
Lhe mostram na face ,
Que lucida scena !

Não quero ser senhor ,
Mais rico sou d'amor.

Na boca formosa ,
Rubís delicados ,
Lhe deixão pequenos
Recintos fechados.

Não quero ser senhor ,
Mais rico sou d'amor.

Mas ah ! que eu não busco
Marilia pintar-te ;
Por outros motivos
Dezejo raivar-te.

Não quero ser senhor ,
Mais rico sou d'amor.

Se tu pódes tanto ,
Fortuna invejosa ;
Porque me não tiras
Marilia formosa ?

Não quero ser senhor ,
Mais rico sou d'amor.

Marilia he constante ,
Dirceo se disvella ,
Mais bens não dezejão
Nem elle . nem ella.

Não quero ser senhor ,
Mais rico sou d'amor.

Val tanto Marilia,
Fortuna cruenta;
Que a seus predicados,
Que mais s'accrescenta?
 Não quero ser senhor,
 Mais rico sou d'amor.

Se tu por Marilia
Me dás prata, e ouro
He que ella mais val
Que todo o Thesouro.
 Não quero ser senhor,
 Mais rico sou d'amor.

Se pompa, e grandeza.
Por ella me tornas;
Com ella, oh Fortuna,
O Templo mais ornas.
Não quero ser senhor,
Mais rico sou d'amor:

Eu quero a Marilia
Não quero riquezas;
No extremo sou grande,
Não busco grandezas.
Não quero ser senhor,
Mais rico sou d'amor.

Se pobre me vires,
Eu nunca exespero;
Pois tenho a Marilia
De ti nada quero.

Não quero ser senhor,
Mais rico sou d'amor.

Fortuna, não quero
Mais ver-te, importuna;
Quem tem a Marilia
Tem toda a fortuna.

Não quero ser senhor,
Mais rico sou d'amor.

De mim, oh Fortuna,
Te vinga raivosa;
Porque ati prefiro
Marilia formosa.
Não quero ser senhor,
Mais rico sou d' amor.



L Y R A X I.

EM carro de branca neve
Pelos Aquilões puxado ,
Assoprando rijos ventos ,
Vai fugindo a longos passos
O triste Inverno engilhado.

Comsigo levou
A fria Estação ;
Agora só corre
Branda viração.

De Favonio a docil aura
Já a Primavera respira;
E de pullulantes flores
Vai vestindo os verdes campos
Que o Inverno destruíra.
Ligeiros Zephiros
Nas azas sostidos,
Por entre os raminhos
Adejão perdidos.

Com sôm medonho esta fonte
No triste inverno corria ;
Hoje em segredo murmura
Convidando o caminhante
Com a linfa pura , e fria.

Com sereno passo
Por estas campinas
Os pés vai beijando
A's lindas boninas.

Que feiticeiros encantos
Não apresenta a natureza!
Quanto os meus olhos alcanção,
Em tudo brilhando está
Huma natural belleza.

Dispostas sem arte
Mil cheirosas flores
O prado matizão
Com vívidas cores.

Mas se a meu lado te visse,
Minha Marilia adorada;
Os transportes que em mim sinto;
Mais sublimes os faria
A tua face engraçada.
Em teu lindo rosto
Pôz a natureza
Magicos encantos
Da maior belleza.



LYRA XIV:

CONTENTE promette
Alcino Pastor
(A dar-lhe Marilia)
Mil votos a Amor.

O dar-lhe Marilia
Amor lhe promette;
Alcino gostoso
Os votos repete.

Marilia adorava
O seu Pescador
Sem elle hum momento
Não tinha calor.

Dirceo desvelado
Por ella morria ;
As trutas mais frescas
Do mar lhe trazia.

Amor bem conhece
Ser cousa odiosa
Roubar a Dirceo
Marilia formosa.

Mas tinha d' Alcino
Mil votos Amor;
Pois era na Aldêa
Mais rico Pastor.

Entrou o vendado
Na dura batalha ;
E sobre os amantes
Ciumes espalha.

Mas erão tão firmes
Os seus corações
Que o zello não pode
Quebrar-lhe as prizões.

Amor cavilloso
Que vive em receio ;
Se vão a abraçar-se ,
Se mette no meio.

Os braços abrindo
Os quer separar :
Mas fez nos amantes
Mais fogo atear.

Alcino lhe pede
Que cumpra a promessa :
Amor as silladas
De novo começa.

No braço lhe pega ,
A ella o apresenta ,
E as faces rozadas
A elle lhe aumenta.

Marilia engraçada
Sem ter turbação,
Põe logo raivosa
Os olhos no chão.

A elles voando
Lhos quer levantar;
Mas ella constante
Os chega a fechar.

Do cáro Dirceo
A voz escutando,
Para onde elle vinha
Os foi levantando.

Accode-me, accode,
Oh meu Pescador!
Marilia tu vinga
D'Alcino, e d'Amor.

A's vozes accode
O Amante ligeiro ;
E toma nos braços
O bravo frexeiro.

De sorte o aperta ,
Q' Amor sossobrado ;
Lhe diz : *Não me mates*
Estou emendado.

*Já sei quanto póde
A firme constancia ;
Ou sendo em presença
Ou quando em distancia.*

*Alcino raivoso
Entrou a bradar:
De ti amor cego
Me quero vingar.*

*Já força não tens
Estupido amor ;
Enganas a gente
Não tendo valor.*

Amor indignado
O busca ferir ;
Alcino de medo
Deitou a fugir,

Voltou-se aos amantes

E disse-lhe assim :

Busquei separa-los ,

Prende-los mais vim.

Quiz dar-te Dirceo

Hum fero rival :

Se he firme a belleza

Astucia não val.

Dirceo a Marilia
Os braços lançou :
Amor de invejoso
Raivando voôu.



L Y R A XV.

JA' quando baixava Fébo
Do ponto do Meio dia ;
E nos fogosos Ethontes
Para o Sepulcro corria :

Marilia , Pastora bella ,
Branças ovelhas pastava ,
Junto d' hum bosque frondoso
Que á margem do Tejo estava.

Sentada no tronco annoso,
Que verdes folhas não tinha;
Lançava as vistas ao longe
Para ver se Dirceo vinha.

Na mão direita encostado
Tinha o divino semblante;
E para vê-lo o Deos Loiro
Parava d' instante a instante

Os olhos põe nas ovelhas,
De novo ao monte os erguia;
Mas nas garras da saudade
Dirceo, nem ovelhas via.

De longe a divisa amor
Conhece-lhe a turbação;
Pois só elle por Dirceo
Lhe governa o coração.

Bate as azas; deu hum vôo
Junto da Pastora bella:
Marilia estava de sorte,
Que não foi sentido della.

Amor então s' escondeo
Por detrás do tronco annoso;
Por lhe deixar campo livre
Ao seu extremo saudoso.

Marilia, a quem já dos olhos
Corria o sentido pranto ;
Julgando que só estava ,
Sólta do peito este canto :

Pastor amado !
Minha alma , e vida !
Como sentida
Aqui me tens ?
Pastor que esperas ?
Inda não vens ?

Como he possivel
Que te demores?
Sem ver que as horas
Correndo vão?

Deixas Marilia
Nesta afflicção?

Eu não te chamo ,
Dirceo , ingrato ;
Teu terno trato
Mostrado tem ,
Que he só Marilia
Teu doce bem.

Nada duvido
Desta verdade ;
Mas da saudade
Fero rigor
 Rival se mostra
 Do meu amor.

Ah ! que eu me inflamo
Mais em querer-te ;
Porém sem ver-te
Oh justo Ceo !
 Não te demores
 Dirceo , Dirceo.

A saudade foi tão forte
De Marília neste passo ;
Que fica encostada ao tronco ,
Deixando cair o braço.

Deixa escapar hum gemido ,
Bem proprio nesta paixão ;
A vista se lhe perturba ,
Palpita-lhe o coração.

Amor de susto tremeo:
Chega a ella de improviso;
E diz-lhe: *Marilia bella*
Deixa o pranto, solta o riso.

Dirceo não tarda hum momento;
Detraz da montanha o vi;
Movendo ligeiros passos,
Antes que eu te visse aqui.

*Por sinal vinha cantando
Cantigas ao seu amor ;
Quero repetir-te aquellas
Que pude tomar de cór.*

Marilia, minha amada!
Aonde estás, aonde ?
Marilia, minha amada !
Ah ! que ninguem responde
Marilia, responde
Por bocca d' amor
Ao terno Pastor.

Marilia , minha amada !
Aonde te hei de achar ?
Marilia , minha amada . . .
Não oiço alguém fallar.
 Marilia , responde
 Por bocca d' amor
 Ao terno Pastor.

Marilia , minha amada !
Marilia , doce bem !
Marilia , minha amada . . .
Aqui não vejo alguém.
 Marilia , responde
 Por bocca d' amor
 Ao terno Pastor.

Marilia , minha amada !

Aonde te hei de ver ?

Marilia , minha amada . . .

Eu sinto-me morrer.

Marilia , responde

Por bocca d' amor.

Ao terno Pastor.

Ainda mais Dirceo cantava,
Que eu não pude perceber:
Ah! Marilia, quanto he justo
Teu innocente querer!

Mas ah! não vés a Dirceo
Como corre para nós?
O Cervo buscando a Cerva,
Não, não corre tão velóz.

Amor calla ; ella levanta
Os olhos té li fechados ;
E vendo pue Dircéo viaba,
Respira doces agrados.

Novo lustre lhe apparece
Nas maxillas côr de roza ;
Não ha Pastora no Tejo
Como Marilia formosa.

No rosto lhe revoáva
Huma tão nova alegria ;
Que sendo Marilia bella,
Inda mais bella a fazia.

Então Marilia soltando
Vozes d' amor, e desvelo;
Já levantada do tronco,
Ligeira se apressa a vê-lo.

Amor junto della corre,
Que também amor queria,
Pois enlaçava os amantes,
Ter parte nesta alegria.

Dirceo chega , e traz nas mãos
Venabulo forte aguçado ,
De sangue cheio , e o pelico
Tambem de sangue manchado .

Marilia se assusta logo ;
De novo treme , e desmaia :
Amor os braços lhe estende ,
Porque na terra não caia .

Dirceo lhe diz: oh Marília!
O teu Pastor nada tem;
Abre os teus luzentes olhos
Não te assustes caro bem.

Levantou Marília os olhos
Lindos olhos côr do Céu;
E logo encontrou aquelles
Do seu querido Dirceo.

Que sangue he esse, oh querido?
Márlia lhe perguntou :
Dirceo surrindo o semblante,
Desta sorte lhe fallou :

Quando descendo do Serro
Trilhava o nosso caminho ;
Vejo hum Javali deitado
Entre hum alto rosmarinho.

*Tremi de susto lembrado
Que tu havias passar ;
Fosse mais tarde, ou mais cedo
Junto daquelle lugar.*

*Sem trazer armas algumas
Temi atacar a fera ;
Qual seria meu desgosto,
Cára Marilia, pondera.*

Ligeiro busco a Montanha,
Chego á Cabana, e tomei,
D'entre os venábulos que tinha,
Este mais forte que achei.

Desço a montanha apressado;
Vejo a féra, que sobra:
C'os cabellos erissados
Do lugar em que dormia.

Corro a ella: o mito se avança;
 Teu nome invoco, e do Amor;
 Fera logo, e na morte
 Não teve mais que hum dor.

Vem comigo prenda e preda,
 Vem ver o triunfo meu:
 Para libertar Marilia
 Não teme a morte Dirceo.

*Da-me os teus braços em prêmio
Deste trabalho que tuês
Tu vives para Dirceo,
Dirceo para ti só vive.*

*Então estendendo os braços,
Hum ao outro se abraçou
Amor chegando-se a elles
Mais os laços apertou.*

Amor cheio de prazer,
 Soltando as vozes ao ar;
 Em louvor dos dous amantes
 Assim começa a cantar:

Marilia formosa
 Mais bella q' a roza;
 D' amor são desvellos
 Teus negros cabellos,
 Teu rosto gentil.
 Amor te annucia
 Prazer, e alegria,
 Nos braços amantes,
 Nos olhos brilhantes
 Do cáro Dirceo.

*Dirceo , eu te auguro
No tempo futuro ;
Mais ditas , e gosto
Marilia no rosto
Te póde mostrar.*

*Constante ventura
Carinhos , ternura
Terás conservada
No peito da amada ,
No seu coração.*

*Os premios são estes ,
São estas as vestes ,
Que amor vos destina ;
A amar-vos ensina
No dia melhor.*

Trez vezes hateo as azas
Sobre Marilia, e Dirceo;
E rompendo os denços ares
Delles desapareceo.

He mais doce que o mel teu terno agrado.

S O N E T O.

Marilia chega, que Dirceo t'espera
Sobre as candidas azas da alegria:
Chega querido bem, trazes o dia,
Em que a inveja ferina s'exespera.

Apenas no Horizonte amanhecêra,
E Fébo os louros raios repartia;
Já dentro nesta Aldêa se sabía,
Que a causa deste bem, Marilia era,

Tu já vês como salta o Cordeirinho,
Alegre atraz da mãe no verde prado:
Ouves cantar o alado passarinho:

Pizas a inveja, rindo-te do Fado:
He mais puro que o leite o teu carinho,
He mais doce que o mel teu terno agrado.

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).